

Clássicos da Literatura Brasileira

O Judas em Sábado de Aleluia e Outras Peças

Martins Pena

Ilustrações:
Eduardo Schloesser



*Clássicos da
Literatura Brasileira*

Clássicos da Literatura Brasileira

O Judas em Sábado de Aleluia e Outras Peças

Martins Pena

O Judas em Sábado de Aleluia e Outras Peças

Martins Pena

Ilustrações

Eduardo Schloesser

Editor

Lécio Cordeiro

Leitura, adaptação e revisão

Malthus de Queiroz

Direção de arte

Wilton Carvalho

Diagramação

Roseane R. Nascimento

Coordenação Editorial



Direitos reservados à

Editora Prazer de Ler Ltda.

Rua Neto Campelo Júnior, 37

CEP: 50760-330 - Mustardinha - Recife / PE

Fone: (81) 3447.1178 - Fax: (81) 3422.3638

CNPJ: 14.605.341/0001-03

Impresso no Brasil

Q3j

Queiroz, Malthus de, 1976-

O judas em sábado de aleluia e outras peças / Martins Pena ; adaptação Malthus de Queiroz ; ilustrações Eduardo Schloesser. – Recife : Prazer de Ler, 2013.

112p. : il. – (Clássicos da literatura brasileira).

1. TEATRO BRASILEIRO – PERNAMBUCO. I.

Pena, Martins, 1815-1488. II. Schloesser, Eduardo,

1962-. III. Título. IV. Série: Clássicos da literatura brasileira.

PeR – BPE 13-324

CDU 869.0(81)-2

CDD B869.2

ISBN: 978-85-8168-224-2

As palavras destacadas de amarelo ao longo do livro sofreram modificações com o novo Acordo Ortográfico.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.

O Judas em
Sábado de
Aleluia e
Outras Peças

O Judas em Sábado de Aleluia e Outras Peças

Comédia em 1 ato

PERSONAGENS

JOSÉ PIMENTA, **cabo de esquadra** da Guarda Nacional

CHIQUINHA

MARICOTA e suas filhas

LULU (10 anos)

FAUSTINO, empregado público

AMBRÓSIO, capitão da Guarda Nacional

ANTÔNIO DOMINGOS, velho, negociante

Meninos e moleques

A cena se passa no Rio de Janeiro, no ano de 1844.

ATO ÚNICO

Sala na casa de José Pimenta. Porta no fundo, à direita, e à esquerda uma janela; depois da porta da direita, uma cômoda de jacarandá, sobre a qual está uma manga¹ de vidro e dois castiçais de casquinha. Cadeiras e mesa. Ao levantar do pano, a cena estará distribuída da seguinte maneira: Chiquinha sentada junto à mesa, costurando; Maricota à janela; e, no fundo da sala, à direita da porta, um grupo de quatro meninos e dois moleques acaba de aprontar um judas², o qual estará apoiado à parede. Os seus trajes são casaca de corte, de veludo, colete também de veludo, botas de montar, chapéu armado com penacho vermelho (tudo muito usado), longos bigodes, etc. Os meninos e moleques saltam de contentes ao redor do judas e fazem grande algazarra.

¹ Objeto em forma de tubo usado para proteger o fogo das lamparinas.

² Boneco que representa o apóstolo traidor, ou uma pessoa que cai na antipatia do povo, e que se malha e geralmente se queima no Sábado de Aleluia.

Cena I

Chiquinha, Maricota e meninos.

CHIQUINHA – Meninos, não façam tanto tumulto...

LULU, *saindo do grupo* – Mana, veja o judas como está bonito! Logo quando aparecer a Aleluia³, iremos puxá-lo para a rua.

CHIQUINHA – Está bom; vão para dentro e venham logo.

LULU, *para os meninos e moleques* – Vamos pra dentro; logo viremos, quando aparecer a Aleluia. (*Vão todos para dentro em confusão.*)

CHIQUINHA, *para Maricota* – Maricota, essa janela ainda não te cansou?

MARICOTA, *voltando a cabeça* – Não é da tua conta.

CHIQUINHA – Sei disso. Mas, olha, o meu vestido está quase pronto; e o teu, não sei quando estará.

MARICOTA – Vou aprontá-lo quando quiser e muito bem me parecer. Basta de conversa; costura e me deixa.

³ Cântico de alegria ou de ação de graças. Refere-se ao período da Páscoa, da Ressurreição.

CHIQUINHA – Fazes bem. (*Aqui Maricota faz um cumprimento para a rua, e a pessoa que passa a cumprimenta de volta, fazendo acenos com o lenço.*) Lá está ela na sua sinal! Que viva esta minha irmã só para namorar! É forte mania! A todos faz festa, a todos namora...

MARICOTA, *retirando-se da janela* – O que tu estás dizendo, Chiquinha?

CHIQUINHA – Eu? Nada.

MARICOTA – Sim! Agarra-te bem à costura; vive sempre como vives, que vais morrer solteira.

CHIQUINHA – Paciência.

MARICOTA – Minha cara, nós não temos dote, e não é pregada à cadeira que acharemos noivo.

CHIQUINHA – Tu já o achaste pregada à janela?

MARICOTA – Nunca é demais esperar. Sabes tu quantos passaram hoje por esta rua, só para me ver?

CHIQUINHA – Não.

MARICOTA – O primeiro que vi, quando cheguei à janela, parado no canto, foi aquele tenente dos Permanentes, que tu bem sabes quem é.

CHIQUINHA – Casa-te com ele.

MARICOTA – E por que não, se ele quiser? Os oficiais dos Permanentes têm boa remuneração. Podes rir.

CHIQUINHA – E, depois do tenente, quem mais passou?

MARICOTA – O cavalo rabão⁴.

CHIQUINHA – Ah!

MARICOTA – Já não te mostrei aquele moço que anda sempre na moda, montado em um cavalo rabão, e que todas as vezes que passa cumprimenta com ar risonho e dá empurrão no cavalo?

CHIQUINHA – Sei quem é – isto é, conheço-o de vista. Quem é ele?

MARICOTA – Sei tanto quanto tu.

CHIQUINHA – E o namoras sem o conheceres?

MARICOTA – Oh, que tola! Pois é preciso conhecer a pessoa a quem se namora?

CHIQUINHA – Penso que sim.

MARICOTA – Estás muito atrasada. Queres ver a carta que ele me mandou esta manhã pelo moleque? (*Tira do seio uma*

⁴ Que tem rabo curto ou cortado.

SCHLOSSER



cartinha.) Ouve: (*lendo:*) “Minha adorada e brilhante estrela!”
(*Deixando de ler:*) Hem? Então?...

CHIQUINHA – Continua.

MARICOTA, *continuando a ler* – “Os astros que brilham nas ardentes esferas de teus sedutores olhos ofuscaram tanto a minha capacidade de compreensão que me enlouqueceram. Sim, meu bem, um general quando vence uma batalha não é mais feliz do que eu sou! Se receberes os meus sinceros sofrimentos serei feliz, e, se não me corresponderes, serei infeliz, irei viver com as feras desumanas da Hircânia⁵, do Japão e dos sertões de Minas – feras mais piedosas do que tu. Sim, meu bem, esta será a minha sorte, e lá morrerei... Adeus. Deste que jura ser teu, apesar da negra e fria morte. – O mesmo”. (*Acabando de ler:*) Então, que me dizes disto? Que estilo! Que paixão!...

CHIQUINHA, *rindo-se* – É pena que o menino vá viver por essas brenhas com as feras da Hircânia, com os tatus e tamanduás. E tu acreditas em todo esta besteira?

MARICOTA – E por que não? Têm-se visto muitas paixões violentas. Ouve agora esta outra. (*Tira outra carta do seio.*)

CHIQUINHA – Do mesmo?

MARICOTA – Não, é daquele mocinho que está estudando latim no Seminário de São José.

CHIQUINHA – Namoras também um estudante de latim?! O que esperas deste menino?

MARICOTA – O que espero? Não ouviste dizer que as primeiras paixões são eternas? Pois bem, este menino pode ir para São Paulo, voltar de lá formado e eu arranjar alguma coisa no caso de ainda estar solteira.

CHIQUINHA – Que cálculo! É pena teres de esperar tanto tempo...

MARICOTA – Os anos passam depressa, quando se namora. Ouve: (*lendo:*) “Vi teu mimoso semblante e fiquei confuso e cego, cego a ponto de não poder estudar minha lição.” (*Deixando de ler:*) Isto é de criança. (*Continua a ler.*) “Bem diz o poeta latino: *Mundus a Domino constitutus est*”. (*Lê estas palavras com dificuldade e diz:*) Isto eu não entendo; deve ser algum elogio... (*Continua a ler.*) “...*constitutus est*. Se Deus o criou, foi para fazer o paraíso dos amantes, que como eu têm a sorte de gozar tanta

⁵ Antiga região situada próximo ao Mar Cáspio. Era conhecida como a *terra dos lobos*.

O Judas em Sábado de Aleluia e Outras Peças

beleza. A mocidade, meu bem, é um tesouro, porque *senectus est morbus*. Recebe, minha adorada, os meus protestos. Adeus, encanto. *Ego vocor – Tibúrcio José Maria.*” (Acabando de ler:) O que eu não gosto é que ele escreve-me em latim. Ainda vou mandar dizer a ele que me fale em português. Lá dentro ainda tenho um maço de cartas que poderei te mostrar; estas duas recebi hoje.

CHIQUINHA – Se todas são como essas, é rica a coleção. Quem mais passou? Vamos, diga...

MARICOTA – Passou aquele escrevente da Alfândega, que está à espera de ser segundo escriturário para casar-se comigo. Passou o inglês que anda montado no cavalo garanhão⁶. Passou o Ambrósio, capitão da Guarda Nacional. Passou aquele moço de bigodes e cabelos grandes, que veio da Europa, onde esteve empregado na diplomacia. Passou aquele sujeito que tem loja de fazendas. Passou...

CHIQUINHA, *interrompendo* – Meu Deus, quantos?... E namoras todos esses?

MARICOTA – Pois então? E o melhor é que cada um pensa ser o único da minha afeição.

CHIQUINHA – Tens habilidade! Mas me diz, Maricota, que esperas tu com todas essas loucuras e namoros? Quais são os teus planos? (*Levanta-se.*) Não vês que podem falar mal de ti?

MARICOTA – Falar mal de mim por namorar! E não namoram todas as moças? A diferença está em que umas são mais espertas do que outras. As descuidadas, como tu dizes que eu sou, namoram francamente, enquanto as sonsas vão pela calada. Tu mesma, com este ar de santinha – anda, fica vermelha! – talvez namores, e muito; e, se eu não posso assegurar, é porque tu não és sincera como eu sou. Vamos, não há moça que não namore. O fingimento de muitas é que faz duvidar de suas travessuras. Aponta-me então uma só que não tenha hora escolhida para chegar à janela, ou que não atormente o pai ou a mãe para ir a este ou àquele baile, a esta ou àquela festa? E tu pensas que isto é feito sem interesse, ou por acaso? Tu te enganas, minha cara, tudo é namoro, e muito namoro. Os pais, as mães e as tolas como tu é que nada **veem** e de nada desconfiam. Quantas eu conheço que, no meio de parentes e amigas, cercadas de olhos

⁶ Diz-se do cavalo destinado à reprodução.

vigilantes, namoram tão sutilmente que não se pressente! Para quem sabe namorar tudo é instrumento: uma criança que se tem ao colo e se beija, um papagaio com o qual se fala à janela, um mico que brinca sobre o ombro, um lenço que dá voltas na mão, uma flor que se desfolha – tudo, enfim! E até quantas vezes o namorado desprezado serve de instrumento para se namorar a outrem! Pobres tolos, que levam a culpa e vivem enganados, em proveito alheio! Se eu fosse te explicar e mostrar as artimanhas e espertezas de certas meninas que passam por sérias e que são refinadíssimas velhacas, não acabaria hoje. Vive na certeza, minha irmã, que as moças dividem-se em duas classes: sonsas e sinceras... Mas que todas namoram.

CHIQUINHA – Não te questionarei. Digamos que assim seja, quero mesmo que o seja. Que outro futuro esperam as **filhas-famílias**, senão o casamento? É a nossa função, como costumam dizer. Os homens não levam a mal que façamos da nossa parte todos os cuidados para alcançarmos este fim; mas o meio que devemos empregar é tudo. Pode ele ser prudente e honesto, ou desvairado como o teu.

MARICOTA – Não dizia eu que havia sonsas e sinceras? Tu és das sonsas.

CHIQUINHA – Ele pode nos desacreditar, como não duvido que o teu te desacreditará.

MARICOTA – E por quê?

CHIQUINHA – Namoras muitos.

MARICOTA – Oh, essa é novidade! Nisto justamente é que eu acho vantagem. Ora me diz, quem compra muitos bilhetes de loteria não tem mais probabilidade de tirar a sorte grande do que aquele que só compra um? Não pode, do mesmo modo, nessa loteria do casamento, quem tem muitos amantes ter mais probabilidade de tirar um para marido?

CHIQUINHA – Não, não! A namoradeira é logo conhecida e ninguém a deseja como mulher. Pensas que os homens se iludem com ela e que não sabem que valor devem dar aos seus protestos? Que mulher tão fina é essa que namora muitos e faz cada um crer que é o único amado? Aqui em nossa terra, grande parte dos moços são convencidos, linguarudos e indiscretos; quando têm o mais insignificante namorico, não há amigos e conhecidos que não sejam confidentes. Que cautelas podem resistir a essas indiscrições? E, conhecida uma moça por namoradeira, quem

O Judas em Sábado de Aleluia e Outras Peças

se animará a pedi-la por esposa? Quem irá se arriscar a casar-se com uma mulher que continue depois de casada as cenas de sua vida de solteira? Os homens têm mais juízo do que pensas; com as namoradeiras eles se divertem, mas não se casam.

MARICOTA – Eu te mostrarei.

CHIQUINHA – Veremos. Dá graças a Deus se por fim encontrares um velho para marido.

MARICOTA – Um velho! Antes quero morrer, ser freira... Não me fales nisso, que me arrepiam os cabelos! Mas para que me aflijo? É mais fácil para mim... Aí vem meu pai! (*Corre e senta-se junto à mesa, para costurar.*)

Cena II

José Pimenta e Maricota. Entra José Pimenta com a farda de **cabo de esquadra** da Guarda Nacional, calças de pano azul e barretão⁷ – tudo muito usado.

PIMENTA, *entrando* – Chiquinha, vai ver minha roupa, já que estás desocupada. (*Chiquinha sai.*) Está muito bom! Está muito bom! (*Esfrega as mãos de contente.*)

MARICOTA, *costurando* – Meu pai vai sair?

PIMENTA – Tenho que dar algumas voltas, para ver se cobro o dinheiro das guardas de ontem. Abençoada a hora em que eu deixei o ofício de sapateiro para ser **cabo de esquadra** da Guarda Nacional! O que ganhava eu pelo ofício? Uma esmola. Desde pela manhã até alta noite sentado à tripeça, metendo sovela⁸ daqui, sovela dacolá, cera pra uma banda, cera pra outra; puxando couro com os dentes, batendo de martelo, estirando o tirapé – e no fim das contas chegava apenas a diária para se comer, e mal. Torno a dizer, feliz a hora em que deixei o ofício para ser **cabo de esquadra** da Guarda Nacional! Das guardas, das rondas e das ordens de prisão faço o meu patrimônio. Cá

⁷ Peça impermeável que é parte do uniforme militar da época.

⁸ Sovela é um instrumento de ferro ou de aço formado por uma espécie de agulha com cabo, com o qual os sapateiros furam o couro para costurar.

as arranjo de modo que rendem, e não rendem pouco... Assim é que é o viver; e, no mais, saúde, e viva a Guarda Nacional e o dinheirinho das guardas que vou cobrar, e que muito sinto ter de repartir com ganhadores. Se vier alguém me procurar, diz que espere, que eu já volto. (*Sai.*)

Cena III

MARICOTA, *só* – Tem razão; são milagres! Quando meu pai trabalhava pelo ofício e tinha uma diária certa, não podia viver; agora que não tem ofício nem diária, vive sem necessidades. Bem diz o capitão Ambrósio que os ofícios sem nome são os mais lucrativos. Basta de costurar. (*Levanta-se.*) Não irei namorar o agulheiro, nem casar-me com a almofada. (*Vai para a janela. Faustino aparece na porta do fundo, de onde olha para a sala.*)

Cena IV

Faustino e Maricota.

FAUSTINO – Posso entrar?

MARICOTA, *voltando-se* – Quem é? Ah, pode entrar.

FAUSTINO, *entrando* – Estava ali defronte na loja do barbeiro, esperando que teu pai sáisse para poder te ver, falar contigo, amar-te, adorar-te e...

MARICOTA – É mesmo!

FAUSTINO – Ainda duvidas? Para quem eu vivo, senão para ti? Quem está sempre presente na minha imaginação? Por quem eu faço todos os sacrifícios?

MARICOTA – Fale mais baixo, que a mana pode ouvir.

FAUSTINO – A mana! Oh, quem me dera ser a mana, para es-

tar sempre contigo! Na mesma sala, na mesma mesa, no mesmo...

MARICOTA, *rindo-se* – Você já começa.

FAUSTINO – E como vou acabar sem começar? (*Pegando-lhe na mão:*) Decididamente, meu amor, não posso viver sem ti... E sem o meu ordenado.

MARICOTA – Não acredito no senhor: muitas vezes fica sem aparecer dois dias, sinal que pode viver sem mim; e penso que pode também viver sem o seu ordenado, porque...

FAUSTINO – Impossível!

MARICOTA – Porque o tenho visto passar muitas vezes por aqui de manhã às onze horas e ao meio-dia, o que prova que falta sofrivelmente, que leva ponto e que lhe descontam o ordenado.

FAUSTINO – Faltar a repartição... o modelo dos empregados? Enganaram-te. Quando lá não vou, é ou por estar doente, ou por ter mandado dizer que estava doente...

MARICOTA – E hoje, que é dia de trabalho, mandou dizer?

FAUSTINO – Hoje? Ah, não me fales nisso, que me desespero e alucino! Por tua causa sou a vítima mais infeliz da Guarda Nacional!

MARICOTA – Por minha causa?!

FAUSTINO – Sim, sim, por tua causa! O capitão da minha companhia, o mais feroz capitão que apareceu no mundo, depois que se inventou a Guarda Nacional, persegue-me, importuna-me e assassina-me! Como sabe que eu te amo e que tu me correspondestes, não há pirraça e afrontas que não me faça. Todos os meses são dois e três avisos para montar guarda; outros tantos para rondas, manejos, paradas... E desgraçado se eu não vou ou não pago! O meu ordenado não chega. Roubam-me, roubam-me com as armas na mão! Eu te detesto, capitão infernal, és um tirano, um Gengis Kan⁹, um Tamerlane¹⁰! Agora mesmo está um guarda à porta da repartição à minha espera para me prender. Mas eu não vou lá, não quero. Tenho dito. Um cidadão é livre... enquanto não o prendem.

MARICOTA – Sr. Faustino, não grite, *tranquelize-se!*

FAUSTINO – *Tranquilizar-me!* Quando vejo um homem que abusa da autoridade que lhe confiaram para afastar-me de ti! Sim, sim, é para afastar-me de ti que ele sempre manda me prender. Covarde! Porém o que mais me mortifica e até me faz

⁹ Imperador da Mongólia durante o século XIII.

¹⁰ Lendário conquistador da atual Ásia Central do século XIV.

chorar é ver teu pai, o mais honrado **cabo de esquadra**, prestar o seu apoio a essas tiranias constitucionais.

MARICOTA – Está bom, deixe disso, já é chatice. Não tem que se queixar de meu pai: ele é cabo e faz a sua obrigação.

FAUSTINO – Sua obrigação? E achas que um homem faz a sua obrigação quando anda atrás de um cidadão brasileiro com uma ordem de prisão metida na cartucheira, na cartucheira? A liberdade, a honra, a vida de um homem, feito à imagem de Deus, metida na cartucheira! Sacrilégio!

MARICOTA, *rindo-se* – Realmente, é uma ação digna.

FAUSTINO, *interrompendo-a* – ...somente de um capitão da Guarda Nacional! Felizes dos turcos, dos chinas e dos negros de Guiné, porque não são guardas nacionais! Oh! *Porque lá nos desertos africanos Faustino não nasceu desconhecido!*

MARICOTA – Gente!

FAUSTINO – Mas, apesar de todas essas perseguições, eu vou lhe mostrar para que presto. Tão depressa se reforme a minha repartição, casarei contigo, ainda que eu veja adiante de mim todos os chefes de legião, coronéis, majores, capitães, cornetas, sim, cornetas etc.

MARICOTA – Meu Deus, endoideceu!

FAUSTINO – Então podem chover sobre mim os avisos, como chovia o maná¹¹ no deserto! Não te deixarei um só instante. Quando for às paradas, irás comigo para me veres manobrar.

MARICOTA – Oh!

FAUSTINO – Quando montar guarda, tu me acompanharás...

MARICOTA – Quê! Eu também irei montar guarda?

FAUSTINO – E o que tem isso? Mas não, não correria seu risco...

MARICOTA – Que extravagâncias!

FAUSTINO – Quando rondar, rondarei a nossa porta e, quando houver tumultos, me fecharei em casa contigo, e dê no que der, que... estou deitado. Mas, ah, infeliz!...

MARICOTA – Acabou-se a sua fúria?

FAUSTINO – De que me servem todos esses tormentos, se me não amas?

MARICOTA – Não o amo?!

FAUSTINO – Desgraçadamente, não! Eu tenho cá para

¹¹ Alimento que, de acordo com a Bíblia, foi oferecido aos israelitas quando atravessavam o deserto.

mim que o capitão não se atreveria a tanto, se não lhe desses esperanças.

MARICOTA – Ingrato!

FAUSTINO – Maricota, minha vida, ouve a confissão dos tormentos que sofro por ti. (*Declamando:*) Uma **ideia** esmagadora, **ideia** abortada do negro abismo, como o riso do desespero, segue-me por toda a parte! Na rua, na cama, na repartição, nos bailes e mesmo no teatro não me deixa um só instante! Agarrada às minhas orelhas, como o naufrago à tábua de salvação, ouço-a sempre dizer: – Maricota não te ama! Sacudo a cabeça, arranco os cabelos (*faz o que diz*) e só consigo desarranjar os cabelos e amarrotar a gravata. (*Isto dizendo, tira do bolso um pente, com o qual penteia-se enquanto fala.*) Isto é o tormento da minha vida, companheiro da minha morte! Costurado na mortalha, pregado no caixão, enterrado na catacumba, fechado na caixa dos ossos no Dia de Finados, ouvirei ainda essa voz, que será então furiosa, pavorosa e cadavérica, repetir: – Maricota não te ama! (*Engrossa a voz para dizer estas palavras.*) E serei o defunto mais desgraçado! Não te comovem estas imagens? Não arrepiam tuas carnes?

MARICOTA – Escute...

FAUSTINO – Oh, eu não tenho o dom da palavra e o poder para arrepiar tuas carnes!...

MARICOTA – Já lhe disse que escute. Ora me diga: não lhe tenho dado todas as provas que lhe poderia dar para **convencê-lo** do meu amor? Não tenho respondido a todas as suas cartas? Não estou à janela sempre que passa de manhã para a repartição, e às duas horas quando volta, apesar do Sol? Quando tenho alguma flor ao peito e me pedes, não lhe dou? Que mais quer? São poucas essas provas de verdadeiro amor? Assim é que me pagas tantas finezas? Eu é que deveria me queixar...

FAUSTINO – Tu?

MARICOTA – Eu, sim! Responda-me, por onde andou, que não passou por aqui ontem, e me fez esperar toda a tarde à janela? Que fez do cravo que lhe dei no mês passado? Por que não foi ao teatro quando eu lá estive com dona Mariana? **Desculpe-se**, se puder. Assim é que corresponde a tanto amor? Já não há paixões verdadeiras. Estou desenganada. (*Finge que chora.*)

FAUSTINO – Maricota...

MARICOTA – Fui bem desgraçada em dar meu coração a um ingrato!

FAUSTINO, *enternecido* – Maricota!

MARICOTA – Se eu pudesse arrancar do peito esta paixão...

FAUSTINO – Maricota, estou a teus pés! (*Ajoelha-se, e, enquanto fala, Maricota ri, sem que ele veja.*) Necessito de toda a tua bondade para ser perdoado!

MARICOTA – Deixe-me.

FAUSTINO – Queres que morra a teus pés? (*Batem palmas na escada.*)

MARICOTA, *assustada* – Quem será? (*Faustino continua de joelhos.*)

CAPITÃO, *na escada, dentro* – Dá licença?

MARICOTA, *assustada* – É o capitão Ambrósio! (*Para Faustino:*) Vá embora, vá embora! (*Vai para dentro, correndo.*)

FAUSTINO *levanta-se e vai atrás dela* – Então, o que é isso?... Deixou-me!... Foi-se!... E esta!... Que farei?... (*Anda ao redor da sala como procurando onde se esconder.*) Não sei onde me esconder... (*Vai espiar à porta e daí corre para a janela.*) Voltou e está conversando à porta com um sujeito; mas certamente não deixa de entrar. Em uma boa estou metido, e daqui não... (*Corre para o judas, tira a casaca e o colete dele, também as botas e o chapéu, e arranca seus bigodes.*) O que me descobrir tem talento, porque mais tenho eu. (*Veste o colete e a casaca sobre a sua própria roupa, calça as botas, põe o chapéu armado e ajeita os bigodes. Feito isso, esconde o corpo do judas em uma das gavetas da cômoda, onde também esconde o próprio chapéu, e toma o lugar do judas.*) Agora pode vir... (*Batem.*) Aqui está! (*Batem.*) Aí vem!

Cena V

Capitão e Faustino, no lugar do judas.

CAPITÃO, *entrando* – Não há ninguém em casa? Ou estão todos surdos? Já bati palmas duas vezes, e nada de novo! (*Tira*

O Judas em Sábado de Aleluia e Outras Peças

*o chapéu e o pôe sobre a mesa; senta-se na cadeira.) Esperarei. (Olha ao redor de si, dá com os olhos no judas; supõe à primeira vista ser um homem, e levanta-se rapidamente.) Quem é? (Reconhecendo que é um judas:) Ora, ora, ora! E não me enganei com o judas, pensando que era um homem? Oh, oh, está um figurão! E o mais é que está tão **benfeito** que parece vivo. (Senta-se.) Onde está esta gente? Preciso falar com o cabo José Pimenta e... ver a filha. Não seria mau que ele não estivesse em casa; desejo ter certas explicações da Maricota. (Aqui aparece na porta da direita Maricota, que espreita, receosa. O capitão a vê e levanta-se.) Ah!*

Cena VI

Maricota e os mesmos.

MARICOTA, *entrando, sempre receosa e olhando para todos os lados* – Sr. capitão!

CAPITÃO, *chegando-se para ela* – Desejei te ver, e a sorte me ajudou. (*Pegando-lhe na mão:*) Mas que tens? Estás receosa! Teu pai?

MARICOTA, *receosa* – Saiu.

CAPITÃO – Que temes então?

MARICOTA *adianta-se e como que procura um objeto com os olhos pelos cantos da sala* – Eu? Nada. Estou procurando o gato...

CAPITÃO, *largando sua mão* – O gato? E por causa do gato recebe-me com esta indiferença?

MARICOTA, *à parte* – Saiu. (*Para o capitão:*) Ainda em cima zanga-se comigo! Por sua causa é que eu estou nestes sustos.

CAPITÃO – Por minha causa?

MARICOTA – Sim.

CAPITÃO – E é também por minha causa que procura o gato?

MARICOTA – É, sim!

CAPITÃO – Essa agora é melhor! Explique-se...

MARICOTA, *à parte* – Em que fui me meter! O que vou lhe dizer?

CAPITÃO – Então?

MARICOTA – Lembra-se...

CAPITÃO – De quê?

MARICOTA – Da... da... daquela carta que me escreveu anteontem, em que me aconselhava que fugisse da casa de meu pai para a sua?

CAPITÃO – E o que tem?

MARICOTA – Guardei-a na gavetinha do meu espelho, e, como a deixei aberta, o gato, brincando, roubou a carta; porque ele tem esse costume...

CAPITÃO – Oh, mas isso não é graça! Procuremos o gato. A carta estava assinada e pode me comprometer. É a última vez que isso me acontece! *(Puxa a espada e começa a procurar o gato.)*

MARICOTA, *à parte, enquanto o capitão procura* – Puxa a espada! Estou arrependida de ter dado corda a este tolo. *(O capitão procura o gato atrás de Faustino, que está imóvel; passa por diante e continua a procurá-lo. Logo que volta as costas a Faustino, este mia. O capitão volta para trás repentinamente. Maricota surpreende-se.)*

CAPITÃO – Miou!

MARICOTA – Miou?!

CAPITÃO – Está por aqui mesmo. *(Procura.)*

MARICOTA, *à parte* – É estranho! Em casa não temos gato!

CAPITÃO – Aqui não está. Onde diabo se meteu?

MARICOTA, *à parte* – Sem dúvida é algum da vizinhança. *(Para o capitão:)* Está bom, deixe; ele aparecerá.

CAPITÃO – Que o leve o demo! *(Para Maricota:)* Mas procure-o bem até que o ache, para arrancar dele a carta. Podem achá-la, e isso não me convém. *(Esquece-se de embainhar a espada.)* Sobre esta mesma carta desejava te falar.

MARICOTA – Recebeu minha resposta?

CAPITÃO – Recebi, e a tenho aqui comigo. Mandaste me dizer que estavas pronta a fugir para minha casa; mas que esperavas primeiro poder arranjar parte do dinheiro que teu pai está juntando, para te safares. Isto não me convém. Não está nos meus princípios. Um moço pode roubar uma moça – é uma ação impensada; mas dinheiro é uma ação infame!

MARICOTA, *à parte* – Tolo!

CAPITÃO – Espero que não penses mais nisso, e que farás somente o que eu te peço. Sim?

O Judas em Sábado de Aleluia e Outras Peças

MARICOTA, *à parte* – Pateta; não percebe que era um pretexto para não dizer “não” e tê-lo sempre preso.

CAPITÃO – Não respondes?

MARICOTA – Pois sim. (*À parte:*) Era preciso que eu fosse tola. Se eu fugir, ele não se casa.

CAPITÃO – Agora quero te dizer uma coisa. Eu achei que esta história de dinheiro era um pretexto para não fazeres o que te pedia.

MARICOTA – Ah, achou? És esperto!

CAPITÃO – E se utilizas esses pretextos é porque amavas a...

MARICOTA – A quem? Diga!

CAPITÃO – A Faustino.

MARICOTA – A Faustino? (*Ri às gargalhadas.*) Eu? Amar aquele bobalhão? Com olhos de anchova¹² morta e pernas de arco de pipa? Está mangando de mim. Tenho melhor gosto. (*Olha com ternura para o capitão.*)

CAPITÃO, *suspirando com prazer* – Ah, que olhos matadores! (*Durante este diálogo Faustino está inquieto no seu lugar.*)

MARICOTA – O Faustino me serve de divertimento, e se algumas vezes lhe dou atenção é para melhor ocultar o amor que sinto por outro. (*Olha com ternura para o capitão. Aqui aparece na porta do fundo José Pimenta. Vendo o capitão com a filha, para e escuta.*)

CAPITÃO – Eu acredito em ti, porque teus olhos confirmam tuas palavras. (*Gesticula com entusiasmo, brandindo a espada.*) Terás sempre em mim um sustento e um defensor! Enquanto eu for capitão da Guarda Nacional e o Governo tiver confiança em mim, vou te sustentar como uma princesa. (*Pimenta desata a rir às gargalhadas. Os dois voltam-se surpreendidos. Pimenta caminha para frente, rindo sempre. O capitão fica enfiado e com a espada levantada. Maricota, perturbada, não sabe como interpretar a explosão de riso do pai.*)

¹² Tipo de peixe.



Schlosser

Cena VII

Pimenta e os mesmos.

PIMENTA, *rindo* – O que é isto, sr. capitão? Ataca a moça... ou lhe ensina a manejar a espada?

CAPITÃO, *perturbado* – Não é nada, sr. Pimenta, não é nada... (*Embainha a espada.*) Foi um gato.

PIMENTA – Um gato? Pois o sr. capitão tira a espada para um gato? Só se foi algum gato danado, que por aqui entrou.

CAPITÃO, *querendo mostrar tranquilidade* – Nada; foi o gato da casa que andou aqui pela sala fazendo estripulias.

PIMENTA – O gato da casa? É bichinho que nunca tive, nem quero ter.

CAPITÃO – Pois o senhor não tem um gato?

PIMENTA – Não, senhor.

CAPITÃO, *alterando-se* – E nunca teve?

PIMENTA – Nunca!... Mas...

CAPITÃO – Nem suas filhas, nem seus escravos?

PIMENTA – Já disse que não... Mas...

CAPITÃO, *voltando-se para Maricota* – Como que nem seu pai, nem a sua irmã e nem seus escravos têm gato?

PIMENTA – Mas que diabo é isso?

CAPITÃO – E no entanto... Está bom, está bom! (*À parte:*) Aqui há esperteza!

PIMENTA – Mas que história é essa?

CAPITÃO – Não é nada, não faça caso; depois lhe direi. (*Para Maricota:*) Muito obrigado! (*Volta-se para Pimenta:*) Temos que falar em trabalho.

PIMENTA, *para Maricota* – Vai para dentro.

MARICOTA, *à parte* – Que capitão tão pedaço de asno! (*Sai.*)

Cena VIII

Capitão e José Pimenta. Pimenta vai pôr o chapéu na mesa. O capitão fica pensativo.

CAPITÃO, *à parte* – Aqui anda o Faustino, mas ele me pagará!

PIMENTA – Às suas ordens, sr. capitão.

CAPITÃO – O guarda Faustino foi preso?

PIMENTA – Não, senhor. Desde quinta-feira que andam dois guardas atrás dele, e ainda não foi possível encontrá-lo. Mandei-os esperar à porta da repartição e também não apareceu lá hoje. Creio que teve aviso.

CAPITÃO – É preciso fazer esforço para se prender esse guarda, que está ficando muito preguiçoso. Tenho ordens do comandante superior. Diga aos guardas encarregados de o prender que o levem para os Provisórios¹³. Há de ficar um mês lá. Isto não pode continuar assim. Não há gente para o serviço com estes maus exemplos. A impunidade desorganiza a Guarda Nacional. Assim que ele sair dos Provisórios, mandem-no logo para o serviço, e, se faltar, Provisório no caso, até que se ajeite. Eu vou lhe mostrar. (*À parte:*) safado!... Quer ser meu rival!

PIMENTA – Sim, senhor, sr. capitão.

CAPITÃO – Guardas sobre guardas, rondas, manejos, paradas, buscas – atrapalhe-o. Entenda-se a esse respeito com o sargento.

PIMENTA – Deixe estar, sr. capitão.

CAPITÃO – Precisamos de gente pronta.

PIMENTA – Assim é, sr. capitão. Os que não pagam para a música devem sempre estar prontos. Alguns são muito vagabundos.

CAPITÃO – Ameace-os com o serviço.

PIMENTA – Já o tenho feito. Digo-lhes que, se não pagarem prontamente, o senhor capitão os chamará para o serviço. Faltam ainda oito que não pagaram este mês, e dois ou três que não pagam desde o princípio do ano.

¹³ Soldado auxiliar da milícia estadual, pertencente a um grupo criado provisoriamente.

O Judas em Sábado de Aleluia e Outras Peças

CAPITÃO – Avise a esses que recebeu ordem para os chamar de novo para o serviço. Há falta de gente. Ou paguem ou trabalhem.

PIMENTA – Assim é, sr. capitão, e é mesmo preciso. Já andam dizendo que, se a nossa companhia não tem gente, é porque mais de metade paga para a música.

CAPITÃO, *assustado* – Dizem isso? Pois já sabem?

PIMENTA – Não acredito que saibam; mas desconfiam.

CAPITÃO – É o diabo! É preciso cautela. Vamos à casa do sargento, que lá temos que conversar. Uma demissão me complicaria. Vamos.

PIMENTA – Sim, senhor, sr. capitão. (*Saem.*)

Cena IX

Faustino, só. Logo que os dois saem, Faustino vai **espreitá-los** à porta por onde saíram e adianta-se um pouco.

FAUSTINO – Ah, então o senhor capitão assusta-se porque podem saber que mais de metade dos guardas da companhia pagam para a música!... E quer me mandar para os Provisórios! Como escreve cartas, desinquietando uma moça de família, e quer atrapalhar-me com serviço? Muito bem! Cá tomarei nota. E o que direi da menina? É de se tirar o chapéu! Está doutorada! Anda em dois carrinhos¹⁴! Obrigado! Acha que eu tenho pernas de anchova morta e olhos de arco de pipa? Ah, quem diria! Mas ainda é tempo; tu me pagarás, e... ouço passos... a postos! (*Toma o seu lugar.*)

¹⁴ Ditado popular que significa *jogar dos dois lados*.

Cena X

Chiquinha e Faustino.

CHIQUINHA *entra e senta-se à costura* – Deixe-me ver se posso acabar este vestido para vesti-lo amanhã, que é domingo de Páscoa. (*Costura.*) Eu é que sou a desocupada, como meu pai disse. Tudo anda assim. Ai, ai! (*Suspirando.*) Há gente bem feliz; alcançam tudo quanto desejam e dizem tudo quanto pensam: só eu nada alcanço e nada digo. Em quem estará ele pensando! Na mana, sem dúvida. Ah, Faustino, Faustino, se tu soubesses!...

FAUSTINO, *à parte* – Fala em mim! (*Aproxima-se de Chiquinha pé ante pé.*)

CHIQUINHA – A mana, que não sente por ti o que eu sinto, tem coragem para te falar e enganar, enquanto eu, que tanto te amo, não ousa levantar os olhos para ti. Assim é o mundo! Nunca terei valor para fazer a ele a confissão deste amor, que me faz tão desgraçada; nunca, que morreria de vergonha! Ele nem em mim pensa. Casar-me com ele seria a maior das felicidades. (*Faustino, que durante o tempo que Chiquinha fala vem aproximando-se e ouvindo com prazer o que ela diz, cai a seus pés.*)

FAUSTINO – Anjo do céu! (*Chiquinha dá um grito, assustada, levanta-se rapidamente para fugir e Faustino a retém pelo vestido.*) Espera!

CHIQUINHA, *gritando* – Ai, quem me ajuda?

FAUSTINO – Não te assustes, é o teu amante, o teu noivo... o feliz Faustino!

CHIQUINHA, *tentando fugir* – Deixe-me!

FAUSTINO, *tirando o chapéu* – Não me conheces? É o teu Faustino!

CHIQUINHA, *reconhecendo-o* – Sr. Faustino!

FAUSTINO, *sempre de joelhos* – Ele mesmo, encantadora criatura! Ele mesmo, que tudo ouviu.

CHIQUINHA, *escondendo o rosto nas mãos* – Meu Deus!

FAUSTINO – Não te envergonhes. (*Levanta-se.*) E não te admires de me ver tão ridiculamente vestido para um amante adorado.

CHIQUINHA – Deixe-me ir para dentro.

O Judas em Sábado de Aleluia e Outras Peças

FAUSTINO – Oh, não! Ouça-me primeiro. Por causa de tua irmã eu estava escondido nestes trajes; mas Deus quis que eles me servissem para descobrir a sua traição e ouvir a tua ingênua confissão, tanto mais preciosa quanto inesperada. Eu te amo, eu te amo!

CHIQUINHA – A mana pode ouvi-lo!

FAUSTINO – A mana! Que venha me ouvir! Quero dizer-lhe nas bochechas o que penso. Se eu tivesse adivinhado em ti tanta pureza e amor, não teria passado por tantos dissabores e desgostos e não teria visto com meus próprios olhos a maior das patifarias! Tua mana é... Enfim, eu cá sei o que ela é, e basta. Deixemo-la, falemos só no nosso amor! Não olhes para minhas botas... Tuas palavras acenderam em meu peito uma paixão vulcânico-piramidal e delirante. Nasceu há um momento, mas já está grande como o universo. Conquistaste-me! Terás o pagamento de tanto amor! Não duvides; amanhã virei pedir-te a teu pai.

CHIQUINHA, *involuntariamente* – Será possível?!

FAUSTINO – Mais que possível, possibilíssimo!

CHIQUINHA – Oh! está me enganando... E o seu amor por Maricota?

FAUSTINO, *declamando* – Maricota trouxe o inferno para minha alma, se é que não levou minha alma para o inferno! O meu amor por ela foi-se, voou, extinguiu-se como um foguete de lágrimas!

CHIQUINHA – Seria crueldade se zombasse de mim! De mim, que ocultava a todos o meu segredo.

FAUSTINO – Zombar de ti! Seria mais fácil zombar do meu ministro! Mas, silêncio, que parece-me que sobem as escadas.

CHIQUINHA, *assustada* – Será meu pai?

FAUSTINO – Nada digas nada do que ouviste; é preciso que ninguém saiba que eu estou aqui escondido. A nossa sorte depende do segredo.

PIMENTA, *dentro* – Diga-lhe que não pode ser.

FAUSTINO – É teu pai!

CHIQUINHA – É meu pai!

AMBOS – Adeus! (*Chiquinha entra correndo e Faustino põe o chapéu na cabeça e toma o seu lugar.*)

Cena XI

Pimenta e depois Antônio Domingos.

PIMENTA – Essa é boa! Querem todos ser dispensados das paradas! Agora é que o sargento anda passeando. O capitão ficou lá à espera. Ficou espantado com o que eu lhe disse a respeito da música. Tem razão, que se souberem podem esfregar a demissão nas suas ventas. *(Aqui batem palmas dentro.)* Quem é?

ANTÔNIO, *dentro* – Um criado seu. Dá licença?

PIMENTA – Entre. *(Entra Antônio Domingos.)* Ah, é o sr. Antônio Domingos! Seja bem aparecido; como vai?

ANTÔNIO – A seu dispor.

PIMENTA – Dê cá o seu chapéu. *(Toma o chapéu e o põe sobre a mesa.)* Então, o que ordena?

ANTÔNIO, *com mistério* – Trata-se do negócio...

PIMENTA – Ah, espere! *(Vai fechar a porta do fundo, espian-do primeiro se alguém poderá ouvi-los.)* É preciso cautela. *(Fecha a porta que dá para o interior.)*

ANTÔNIO – Toda é pouca. *(Vendo o judas:)* Aquilo é um judas?

PIMENTA – É dos meninos. Então?

ANTÔNIO – Chegou uma nova remessa do Porto. Os sócios continuam trabalhando com entusiasmo. Aqui estão dois contos *(tira do bolso dois maços de papéis)*, um em cada maço: é dos azuis. Desta vez vieram mais **benfeitos**. *(Mostra uma nota de cinco mil réis que tira do bolso do colete.)* Veja; está perfeitíssima.

PIMENTA, *examinando-a* – É verdade.

ANTÔNIO – Mandei aos sócios fabricantes o relatório do exame que fizeram na Caixa da Amortização¹⁵, sobre as notas da penúltima remessa, e eles refizeram tudo. Aposto que ninguém as diferenciará das verdadeiras.

PIMENTA – Quando chegaram?

ANTÔNIO – Ontem, no navio que chegou do Porto.

PIMENTA – E como vieram?

¹⁵ A Caixa de Amortização foi uma instituição financeira criada em 15 de novembro de 1827, com finalidade de emissão, amortização, resgate e substituição de apólices da dívida pública e pagamento de seus juros.

SCHLOSSER



ANTÔNIO – Dentro de um barril de paios.

PIMENTA – O lucro que deixa não é mau; mas arrisca-se a pele...

ANTÔNIO – O que receia?

PIMENTA – O que receio? Se nos pegam, está tudo acabado! Tenho filhos...

ANTÔNIO – Deixe de sustos. Já tivemos duas remessas, e o senhor só por sua parte passou dois contos e quinhentos mil-réis, e nada lhe aconteceu.

PIMENTA – Estivemos bem perto de ser descobertos – houve denúncia, e o Tesouro substituiu os azuis pelos brancos.

ANTÔNIO – Dos bilhetes aos falsificadores demora; aqueles andam pelas mãos de todos, e estes fecham-se quando falam, e cuidam-se. Além do mais, quem nada arrisca nada tem. Deus estará conosco.

PIMENTA – Se não for o chefe de Polícia.

ANTÔNIO – Esse é que pode botar tudo a perder; mas pior é o medo. Vá guardá-los. (Pimenta vai guardar os maços dos bilhetes em uma das gavetas da cômoda e a fecha à chave. Antônio, enquanto Pimenta guarda os bilhetes:) **Cinquenta** contos da primeira remessa, cem da segunda e **cinquenta** desta fazem duzentos contos; quando muito, vinte de despesa, e aí temos cento e oitenta de lucro. Não conheço negócio melhor. (Para Pimenta:) Não vá trocá-los sempre na mesma casa: ora aqui, ora ali... Tem cinco por cento dos que passar.

PIMENTA – Já estou arrependido de ter-me metido neste negócio.

ANTÔNIO – E por quê?

PIMENTA – Além de perigosíssimo, tem **consequências** que eu não previa quando me meti nele. O senhor dizia que o povo não sofria com isso.

ANTÔNIO – E ainda digo. Há na circulação um horror de milhares de contos em papel; mais duzentos não quer dizer nada.

PIMENTA – Assim pensei eu, ou me fizeram pensar; mas meus olhos já se abriram, e... enfim, passarei ainda esta vez, e será a última. Tenho filhos. Meti-me nisto sem saber bem o que fazia. E do senhor me queixo, porque da primeira vez abusou da minha situação; eu estava sem um vintém. É a última!

ANTÔNIO – Como quiser; o senhor é quem perde. (*Batem na porta.*)

O Judas em Sábado de Aleluia e Outras Peças

PIMENTA – Batem!

ANTÔNIO – Será o chefe de Polícia?

PIMENTA – O chefe de Polícia! Aí está no que o senhor me meteu!

ANTÔNIO – Cuidado! Se for a polícia, queime os bilhetes.

PIMENTA – Como queimam-se... nem meio queimam-se; já não há tempo senão de sermos enforcados!

ANTÔNIO – Não desanime. *(Batem de novo.)*

FAUSTINO, *disfarçando a voz* – É da parte da polícia!

PIMENTA, *caindo de joelhos* – Misericórdia!

ANTÔNIO – Fugamos pelo quintal!

PIMENTA – A casa não tem quintal. Minhas filhas!...

ANTÔNIO – Estamos perdidos! *(Corre para a porta a fim de espiar pela fechadura. Pimenta fica de joelhos e treme convulsivamente.)* Só vejo um oficial da Guarda Nacional. *(Batem; espia de novo.)* Não há dúvida. *(Para Pimenta:)* Psiu... psiu... venha cá.

CAPITÃO, *dentro* – Ah, sr. Pimenta, sr. Pimenta? *(Pimenta, ao ouvir o seu nome, levanta a cabeça e escuta. Antônio caminha para ele.)*

ANTÔNIO – Há só um oficial que o chama.

PIMENTA – Os mais estão escondidos.

CAPITÃO, *dentro* – Há ou não gente em casa?

PIMENTA *levanta-se* – Aquela voz... *(Vai para a porta e espia.)* Não me enganei! É o capitão! *(Espia.)* Ah, sr. capitão?

CAPITÃO, *dentro* – Abra!

PIMENTA – Vossa senhoria está só?

CAPITÃO, *dentro* – Estou, sim; abra.

PIMENTA – Palavra de honra?

CAPITÃO, *dentro* – Abra, ou vou-me embora!

PIMENTA, *para Antônio* – Não há que temer. *(Abre a porta; entra o capitão. Antônio sai da porta e observa se há alguém escondido no corredor.)*

Cena XII

Capitão e os mesmos.

CAPITÃO, *entrando* – Com o demo! O senhor a estas horas com a porta fechada!

PIMENTA – Queira perdoar, sr. capitão.

ANTÔNIO, *entrando* – Ninguém!

CAPITÃO – Faz-me esperar tanto! Hoje é a segunda vez.

PIMENTA – Mas o que é isso, sr. capitão!

CAPITÃO – Tão calados!... Parece que estavam fazendo moeda falsa! (*Antônio estremece; Pimenta assusta-se.*)

PIMENTA – Que diz, sr. capitão? Vossa senhoria tem graças que ofendem! Isto não é brincadeira. Assim escandaliza-me. Estava com o meu amigo Antônio Domingos falando nos seus negócios, que eu aqui não os tenho.

CAPITÃO – Oh, o senhor escandaliza-se e assusta-se por uma graça dita sem intenção de ofender!

PIMENTA – Mas há graças que não têm graça!

CAPITÃO – O senhor tem alguma coisa? Eu o estou desconhecendo!

ANTÔNIO, *à parte* – Este diabo bota tudo a perder! (*Para o capitão:*) É a bÍlis que ainda o incomoda. Estava enfurecido comigo por certos negócios. Isto passa. (*Para Pimenta:*) Tudo irá se arranjar. (*Para o capitão:*) Vossa senhoria está de serviço hoje?

CAPITÃO – Estou de dia. (*Para Pimenta:*) Já posso lhe falar?

PIMENTA – Tenha a bondade de desculpar-me. Este maldito homem ia me fazendo perder a cabeça. (*Passa a mão pelo pescoço, como quem quer dar mais inteligência ao que diz.*) E vossa senhoria também não contribuiu pouco para me assustar!

ANTÔNIO, *forcejando para rir* – Foi uma boa piada!

CAPITÃO, *admirado* – Piada! Eu?!

PIMENTA – Por mais honrado que seja um homem, quando ele bate à porta e diz: “É da parte da polícia”, sempre se assusta.

CAPITÃO – E quem lhe disse isto?

PIMENTA – Vossa senhoria mesmo.

O Judas em Sábado de Aleluia e Outras Peças

CAPITÃO – Ora, o senhor, ou está sonhando, ou quer se divertir comigo.

PIMENTA – Não foi vossa senhoria?

ANTÔNIO – Não foi vossa senhoria?

CAPITÃO – Pior é essa! Hoje sua casa anda misteriosa. Há pouco era sua filha com o gato; agora é o senhor com a polícia...
(À parte:) Aqui tem **tramoia!**

ANTÔNIO, à parte – Quem seria?

PIMENTA, *assustado* – Isto não vai bem. *(Para Antônio:)* Não saia daqui antes de eu lhe entregar uns papéis. Espere! *(Faz gesto de querer ir buscar os bilhetes; Antônio o retém.)*

ANTÔNIO, *para Pimenta* – Olhe que se perde!

CAPITÃO – E então? Ainda não me deixaram dizer ao que vinha. *(Ouve-se badalar de sinos, foguetes, algazarra, ruídos diversos, como acontece quando aparece a Aleluia.)* O que é isto?

PIMENTA – Estamos descobertos!

ANTÔNIO, *gritando* – É a Aleluia que apareceu. *(Entram na sala, num alvoroço, Maricota, Chiquinha, os quatro meninos e os dois moleques.)*

MENINOS – Apareceu a Aleluia! Vamos ao judas!... *(Faustino, vendo os meninos junto de si, começa a correr pela sala. Espanto geral. Os meninos gritam e fogem de Faustino, que dá duas voltas ao redor da sala, levando adiante de si todos os que estão em cena, os quais atropelam-se correndo e gritam aterrorizados. Chiquinha fica em pé junto à porta por onde entrou. Faustino, na segunda volta, sai para a rua, e os outros, livres dele, ficam como assombrados. Os meninos e moleques, chorando, escondem-se debaixo da mesa e cadeiras; o capitão, na primeira volta que dá fugindo de Faustino, sobe na cômoda; Antônio Domingos **agarrase** a Pimenta, e rolam juntos pelo chão, quando Faustino sai; e Maricota cai desmaiada na cadeira onde costurava.)*

PIMENTA, *rolando pelo chão, agarrado com Antônio* – É o demônio!...

ANTÔNIO – Vade retro¹⁶, Satanás! *(Apertam-se nos braços um do outro e escondem a cara.)*

CHIQUINHA, *chegando para Maricota* – Mana, que tens? Não fala; está desmaiada! Mana? Meu Deus! Sr. capitão, faça o favor de me dar um copo com água.

¹⁶ *Vade retro*: interjeição que exprime ordem para que o outro se afaste.

CAPITÃO, *de cima da cômoda* – Não posso ir lá!

CHIQUINHA, *à parte* – Medroso! (*Para Pimenta:*) Meu pai, ajuda-me! (*Chega para ele e o chama, tocando-lhe no ombro.*)

PIMENTA, *gritando* – Ai, ai, ai! (*Antônio, ouvindo Pimenta gritar, grita também.*)

CHIQUINHA – Agora esta! Não é uma beleza? O pior é a mana estar desmaiada! Sou eu, meu pai, sou Chiquinha; não se assuste. (*Pimenta e Antônio levantam-se cautelosos.*)

ANTÔNIO – Não o vejo!

CHIQUINHA, *para o capitão* – Desça; que vergonha! Não tenha medo. (*O capitão começa a descer.*) Ande, meu pai, vamos ajudar a mana. (*Ouve-se dentro o grito de leva! leva! como costumam falar os moleques quando arrastam os judas pelas ruas.*)

PIMENTA – Aí vem ele!... (*Ficam todos imóveis na posição em que os surpreendeu o grito, isto é, Pimenta e Antônio ainda não de todo levantados; o capitão com uma perna no chão e a outra na borda de uma das gavetas da cômoda, que está meio aberta; Chiquinha esfregando as mãos de Maricota para reanimá-la, e os meninos nos lugares que ocupavam. Conservam-se todos silenciosos, até que se ouve o grito exterior – Morra! – a distância.*)

CHIQUINHA, *enquanto os mais estão silenciosos* – Meu Deus, que gente tão medrosa! E ela neste estado! O que irei fazer? Meu pai? Sr. capitão? Não se movem! Já tem as mãos frias... (*Aparece repentinamente à porta Faustino, ainda com os mesmos trajés; salta no meio da sala e vai cair sentado na cadeira que está junto à mesa. Uma turba de garotos e moleques armados de paus entram após ele, gritando: – Pega o judas, pega o judas! – Pimenta e Antônio erguem-se rapidamente e atiram-se para a extremidade esquerda do teatro, junto aos candeeiros da rampa; o capitão sobe de novo para cima da cômoda; Maricota, vendo Faustino na cadeira, separado dela somente pela mesa, dá um grito e foge para a extremidade direita do teatro; e os meninos saem aos gritos de debaixo da mesa, e espalham-se pela sala. Os garotos param no fundo junto à porta e, vendo-se em uma casa particular, param de gritar.*)

FAUSTINO, *caindo sentado* – Ai, que corrida! Já não posso! Oh, parece que por aqui ainda dura o medo. O meu não foi menor vendo este canalha. Safa¹⁷, canalha! (*Os garotos riem-se e fazem*

¹⁷ Interjeição que expressa repugnância.

SCHLOSSER



vaia.) Ah, o caso é esse? (*Levanta-se.*) Sr. Pimenta? (*Pimenta, ouvindo Faustino chamá-lo, encolhe-se e treme.*) Treme? Ponha esta corja no olho da rua... Não ouve?

PIMENTA, *titubeando* – Eu, senhor?

FAUSTINO – Ah, não obedece? Vamos, que lhe mando – da parte da polícia... (*Disfarçando a voz como da vez primeira.*)

ANTÔNIO – Da parte da polícia!... (*Para Pimenta:*) Vá, vá!

FAUSTINO – Rápido! (*Pimenta caminha receoso para o grupo que está no fundo e com bons modos o faz sair. Faustino, enquanto Pimenta esvazia a sala, continua a falar. Para Maricota:*) Não olhe assim para mim com os olhos tão arregalados, que podem saltar fora da sua cara. De que serão esses olhos? (*Para o capitão:*) Olá, valente capitão! Está no poleiro? Desça. Está com medo do papão? Hu! hu! Bote fora a espada, que está atrapalhando suas pernas. É um belo boneco de louça! (*Tira o chapéu e os bigodes, e os atira no chão.*) Agora ainda terão medo? Não me conhecem?

TODOS, *exceto Chiquinha* – Faustino!

FAUSTINO – Ah, já! Recuperaram a fala! Temos que conversar. (*Põe uma das cadeiras no meio da sala e senta-se. O capitão, Pimenta e Antônio dirigem-se para ele enfurecidos; o primeiro coloca-se à sua direita; o segundo, à esquerda; e o terceiro, atrás, falando todos três ao mesmo tempo. Faustino tapa os ouvidos com as mãos.*)

PIMENTA – Ocultar-se em casa de um homem de bem, de um pai de família, é ação criminosa: não se deve praticar! As leis são bem claras; a casa do cidadão é inviolável! As autoridades irão me ouvir; serei justicado!

ANTÔNIO – Surpreender um segredo é infâmia! E só a vida paga certas pirraças, entende? O senhor é um safaso! Tudo quanto fiz e disse foi para experimentá-lo. Eu sabia que estava ali escondido. Se disser uma palavra, mando dar uma paulada no senhor.

CAPITÃO – Aos insultos respondem-se com as armas na mão! Tenho uma patente de capitão que o governo me deu, irei honrá-la! O senhor é um covarde! Digo-lhe isto na cara; não me mete medo! Há de ir preso! Ninguém me insulta impunemente! (*Os três, à proporção que falam, vão reforçando a voz e acabam gritando.*)

FAUSTINO – Ai! ai! ai! ai! que fico sem ouvidos.

CAPITÃO – Petulância inqualificável... Petulância!

O Judas em Sábado de Aleluia e Outras Peças

PIMENTA – Desaforo sem nome... Desaforo!

ANTÔNIO – Patifaria, patifaria, patifaria! (*Faustino levanta-se rapidamente, batendo com os pés.*)

FAUSTINO, *gritando* – Silêncio! (*Os três emudecem e recuam*) que o deus da linha quer falar! (*Senta-se.*) Puxe-me aqui estas botas. (*Para Pimenta:*) Não quer? Olhe que o mando da parte da... (*Pimenta chega-se para ele.*)

PIMENTA, *enfurecido* – Dê cá!

FAUSTINO – Já! (*Dá-lhe as botas a puxar.*) Devagar! Assim... E digam lá que a polícia não faz milagres... (*Para Antônio:*) Ah, senhor meu, tire-me esta casaca. Creio que não será preciso dizer da parte de quem... (*Antônio tira-lhe a casaca com muito mau modo.*) Cuidado; não rasgue o traste, que é de valor. Agora o colete. (*Tira.*) Bom.

CAPITÃO – Até quando abusará da nossa paciência?

FAUSTINO, *voltando-se para ele* – Ainda que mal lhe pergunte, o senhor aprendeu latim?

CAPITÃO, *à parte* – Vou fazer cumprir a ordem de prisão. (*Para Pimenta:*) Chame dois guardas.

FAUSTINO – Que é lá isso? Espere lá! Já não tem medo de mim? Então há pouco quando se empoleirou era com medo das botas? Ora, não seja criança e escute... (*Para Maricota:*) **Chegue-se** para cá. (*Para Pimenta:*) Ao sr. José Pimenta do Amaral, **cabo de esquadra** da Guarda Nacional, tenho a honra de pedir-lhe a mão de sua filha a sra. dona Maricota... ali para o sr. Antônio Domingos.

MARICOTA – Ah!

PIMENTA – Senhor!

ANTÔNIO – Mais esta!

FAUSTINO – Ah, não querem? Torcem o focinho? Então escutem a história de um barril de paios, em que...

ANTÔNIO, *aflito* – Senhor!

FAUSTINO, *continuando* – ...em que vinham escondidos...

ANTÔNIO, *aproxima-se de Faustino e diz-lhe à parte* – Não me prejudique! Que exige de mim?

FAUSTINO, *à parte* – Que se case, e quanto antes, com a noiva que lhe dou. Só por este preço guardarei silêncio.

ANTÔNIO, *para Pimenta* – Sr. Pimenta, o senhor ouviu o pedido que lhe foi feito; agora o faço eu também. Concede-me a mão de sua filha?

PIMENTA – Certamente... é uma fortuna... não esperava...
e...

FAUSTINO – Bravo!

MARICOTA – Isto não é possível! Eu não amo o senhor!

FAUSTINO – Amará.

MARICOTA – Não se usa assim de uma moça! Isto é zombaria do senhor Faustino!

FAUSTINO – Não sou capaz!

MARICOTA – Não quero! Não me caso com um velho!

FAUSTINO – Pois então não se casará nunca; porque vou já daqui gritando (*gritando:*) que a filha do cabo Pimenta namora como uma danada; que quis roubar... (*Para Maricota:*) Então, quer que continue, ou quer casar-se?

MARICOTA, *à parte* – Fui descoberta! Posso morrer solteira... Um marido é sempre um marido... (*Para Pimenta:*) Meu pai, farei a sua vontade.

FAUSTINO – Bravíssimo! Feliz casal! Amorosos pombinhos! (*Levanta-se, toma Maricota pela mão e a conduz para junto de Antônio, e fala com os dois à parte:*) Menina, aqui tem o noivo que eu lhe destino: é velho, babão, rabugento e avarento – nada lhe falta para sua felicidade. É este o fim de todas as namoradeiras: ou casam com um traste como este, ou morrem solteiras! (*Para o público:*) Queira Deus que aproveite o exemplo! (*Para Antônio:*) Os falsários já não morrem enforcados; lá se foi esse bom tempo! Se eu o denunciasses, o senhor ia para a cadeia e de lá fugiria, como acontece a muitos da sua laia. Este castigo seria muito suave... Eis aqui o que lhe destino. (*Apresentando-lhe Maricota:*) É moça, bonita, astuciosa e namoradeira; nada lhe falta para seu tormento. Esta pena não vem no Código; mas não me admira, porque lá faltam muitas outras coisas. **Abracem-se**, em sinal de guerra! (*Impele um para o outro.*) Agora nós, sr. capitão! Venha cá. Hoje mesmo quero uma dispensa de todo o serviço da Guarda Nacional! Arranje isso como puder; se não, mando tocar a música... Não sei se me entende?...

CAPITÃO – Será feito. (*À parte:*) O que fazer; pode acabar comigo!

FAUSTINO – E, se de novo bulir comigo, cuidado! Quem avisa... Sabe o resto! Ora, meus senhores e senhoras, já que castiguei, quero também recompensar. (*Toma Chiquinha pela mão e coloca-se com ela em frente de Pimenta, dando as mãos*

O Judas em Sábado de Aleluia e Outras Peças

como em ato de se casarem.) Sua bênção, querido pai Pimenta, e seu consentimento!

PIMENTA – O que devo eu fazer, senão consentir!

FAUSTINO – Ótimo! (*Abraça a Pimenta e dá-lhe um beijo. Volta-se para Chiquinha:*) Se não houvesse aqui tanta gente olhando para nós, fazia-te o mesmo... (*Dirigindo-se ao público:*) Mas não o perde, que fica guardado para uma melhor ocasião.

FIM.

Os Irmãos das Almas

Comédia em 1 ato

PERSONAGENS

MARIANA, mãe de EUFRÁSIA

LUÍSA, irmã de JORGE, marido de Eufrásia

TIBÚRCIO, amante de Luísa

SOUSA, irmão das almas

FELISBERTO

Um irmão das almas

Um cabo de Permanentes

Quatro soldados

A cena se passa na cidade do Rio de Janeiro, no ano de 1844, no Dia de Finados.

ATO ÚNICO

Sala com cadeiras e mesa. Porta no fundo e à direita; à esquerda um armário grande. Durante todo o tempo da representação, ouvem-se ao longe dobres fúnebres¹⁸.

¹⁸ Toque dos sinos.

Cena I

LUÍSA, *sentada em uma cadeira junto à mesa* – Não é possível viver assim muito tempo! Só e calar é minha vida. Já não **aguento!** (*Levanta-se.*) Sei que peso para D. Mariana e que minha cunhada não me vê com bons olhos, mas quem tem culpa de tudo isto é o mano Jorge. Quem o mandou casar-se e vir para a companhia de sua sogra? Pobre irmão; como tem pago essa loucura! Eu já podia estar livre de tudo isto, se não fosse o maldito segredo que descobri. Antes não soubesse de nada!

Cena II

Eufrásia e Luísa.

EUFRÁSIA, *entrando vestida de preto como quem vai visitar*



O Judas em Sábado de Aleluia e Outras Peças

igrejas em Dia de Finados – Luísa, tu não queres ir ver os finados?

LUÍSA – Não posso, estou com mal-estar. Quero ficar em casa.

EUFRÁSIA – Fazes mal. Dizem que este ano há muitas caixinhas e urnas em S. Francisco e no Carmo, e além disso o dia está bonito e haverá muita gente.

LUÍSA – Sei o que perco. Bem quisera ouvir uma missa pela alma de minha mãe e de meu pai, mas não posso.

EUFRÁSIA – Missas não irei ouvir hoje; missas em Dia de Finados é chatice. Logo três! O que eu gosto é de ver as caixinhas dos ossos. Há agora muito luxo.

LUÍSA – Mal empregado.

EUFRÁSIA – Por quê? Cada um trata os seus defuntos como pode.

LUÍSA – Mas nem todos os choram.

EUFRÁSIA – Chorar? E para que serve chorar? Não lhes dá vida.

LUÍSA – E o que lhes dão as ricas urnas?

EUFRÁSIA – O que lhes dão? Nada; mas ao menos fala-se nos parentes que as mandam fazer.

LUÍSA – E isso é uma grande consolação para os defuntos...

EUFRÁSIA – Não sei se é ou não consolação para os defuntos, mas posso-te afirmar que é divertimento para os vivos. Vai te vestir e vamos.

LUÍSA – Já te disse que não posso.

EUFRÁSIA – Luísa, tu és muito malandra!

LUÍSA – E por quê?

EUFRÁSIA – Queres ficar em casa para ver o teu namorado passar. Mas não sejas tola; vai à igreja, que lá é que se namora bem no aperto.

LUÍSA, *com tristeza* – Já lá se foi esse bom tempo de namoro!

EUFRÁSIA – Grande novidade! Brigastes com o teu apaixonado?

LUÍSA – Não; mas, depois do que soube, não devo mais vê-lo.

EUFRÁSIA – E o que soubestes então?

LUÍSA – Que ele era... Até não me atrevo a dizê-lo.

EUFRÁSIA – Assustas-me!

LUÍSA – Considera a coisa mais horrorosa que pode ser um homem.

EUFRÁSIA – Ladrão?

LUÍSA – Pior.

EUFRÁSIA – Assassino?

LUÍSA – Ainda pior.

EUFRÁSIA – Ainda pior que assassino? Rebelde?

LUÍSA – Muito pior!

EUFRÁSIA – Muito pior que rebelde? Não sei o que seja.

LUÍSA – Não sabes? (*Com mistério:*) Pedreiro-livre¹⁹!

EUFRÁSIA – Pedreiro-livre? Santo breve da marca! Homem que fala com o diabo à meia-noite! (*Benze-se.*)

LUÍSA – Se fosse só falar com o diabo! Tua mãe diz que todos os que para eles se chegam ficam excomungados, e que antes quisera ver a peste em casa do que um pedreiro-livre. (*Benze-se; o mesmo faz Eufrásia.*) Não, não! Antes quero viver toda a minha vida de favores e humilhada do que casar-me com um pedreiro-livre. (*Benze-se.*)

EUFRÁSIA – Tens razão. Eu tenho um medo de morte deles; e minha mãe quando os vê fica tão fora de si que faz loucuras. Ora, quem diria que o Sr. Tibúrcio era também da panelinha!

LUÍSA – Eu seria tão feliz com ele, se não fosse isso!...

EUFRÁSIA – Também... Perdes um marido; pouco perdes... Para que serve um marido?

LUÍSA – Para que serve um marido? Boa pergunta! Para muitas coisas.

EUFRÁSIA – Sim, para muitas coisas más.

LUÍSA – Dizes isso porque já estás casada.

EUFRÁSIA – Essa é que é a desgraça: não termos medo do burro senão depois do coice. Um marido! Sabes tu o que é um marido? É um animal exigente, atrevido e insuportável... A mulher que quiser viver bem com o seu, faça o que eu faço: bata o pé, grite mais do que ele, desmaie, brigue e quebre os trastes. Humilhar-se? Coitada da que se humilha! Então eles são leões. O meu homem será servil toda sua vida... E, se terás o trabalho de ensinares a esses animais, é melhor que não te cases.

LUÍSA – Isso é bom de se dizer..

EUFRÁSIA – E de se fazer. Vou acabar de me vestir. (*Sai.*)

¹⁹ Nome popular do mação; irmão ou membro de maçonaria.

Cena III

Luísa e depois Jorge.

LUÍSA, só – Pobre Jorge; com quem fostes te casar! Como esta mulher te faz infeliz! Pedreiro-livre!... Quem diria! (*Entra Jorge vestido com capa verde de irmão das almas; traz na mão uma bacia de prata com dinheiro, ovos e bananas. Logo que entra, põe a bacia sobre a mesa.*)

JORGE, entrando – Olá, mana Luísa.

LUÍSA – Já de volta?

JORGE – A colheita hoje é boa. É preciso esvaziar a salva²⁰. (*Faz o que diz.*) Guarde metade deste dinheiro antes que minha mulher o veja, que tudo é pouco para ela; e faça destes ovos uma fritada e dá estas bananas ao macaco.

LUÍSA – Tenho tanta repugnância de utilizar este dinheiro...

JORGE – Por quê?

LUÍSA – Dinheiro de esmolas que pedes para as almas...

JORGE – E então o que tem isso? É verdade que peço para as almas, mas nós também não temos alma? Negar que a temos é ir contra a religião, e, além disso, já deixei lá dois cruzados para se dizer missas para as outras almas. É bom que todas se salvem.

LUÍSA – Duvido que assim a tua se salve.

JORGE – Deixe de besteira! Pois pensas que por alguns miseráveis dois vinténs, que já foram quatro, (*pega em uma moeda de dois vinténs:*) – olha, aqui está o carimbo... – um pai de família vá para o inferno? Ora! Supõe que amanhã fixam outro carimbo deste lado. Não desaparecem os dois vinténs e eu também não fico enganado? Nada, antes que me iludam, iludo eu. E, além do mais, tirar esmolas para almas e para os santos é um dos melhores e mais cômodos ofícios que eu conheço. Os santos sempre são credores que não falam... Tenho seis capas para os seis dias da semana; estão aqui. (*Vai ao armário e tira seis capas.*) No domingo descanso. Preferi tê-las minhas – é mais seguro; não dou satisfação a tesoureiro nenhum. Às **segundas-feiras** visto esta verde que tenho no corpo; às terças, esta roxa;

²⁰ Salva é um tipo de prato ou bandeja.

às quartas, esta branca; às quintas, esta vermelha; às sextas, esta roxa e branca; e, aos sábados, esta azul.

LUÍSA – E não entregas dinheiro nenhum para os santos?

JORGE – Nada, o santo destas capas sou eu. Não tenho descanso, mas também o lucro não é mau.

LUÍSA – O lucro... Aquele pobre velho que morava defronte do paredão da Glória também pedia esmolas para os santos, e morreu sem nada.

JORGE – Minha rica, o fazer as coisas não é nada; o **sabê-las** fazer é que é tudo. O carola experiente deve conhecer as ruas por que anda, as casas em que entra e as portas a que bate. Ruas há em que não se recebe um real – essas são as da gente rica, civilizada e de bom-tom, que, ou nos conhecem, ou pouco importam se os santos se iluminam com velas de cera ou de sebo, ou mesmo que estejam às escuras. Enfim, pessoas que pensam que quando se tem dinheiro não se precisa de religião. Por essas ruas eu não passo. Falem-me dos becos onde vive a gente pobre, das casas de rótulas²¹, das quitandeiras; aí, sim, é que a pepineira²² é grossa! (*Vai guardar as capas.*) Tenho aprendido à minha custa!

LUÍSA, *sorrindo* – À custa dos tolos, debes dizer.

JORGE – E quem os manda serem tolos? Mas, ah, neste mundo nem tudo são rosas. Eu vivia tão bem e tão feliz, e pra pagar os meus pecados dei a mais reverente das cabeçadas!

LUÍSA – Qual cabeçada?

JORGE – Casei-me. Ah, minha filha, o casamento é uma cabeçada que deixa o homem atordoado por toda a vida, se não o mata. Se eu soubesse...

LUÍSA – Agora é tarde o arrependimento; queixa-te de ti.

JORGE – Que queres? Um dia mete-se o diabo nas tripas de um homem e ele se casa. Alguns ainda são felizes, mas eu fui mesmo desgraçadíssimo! Bati a cara! Encontrei uma mulher linguaruda, preguiçosa, desavergonhada e atrevida... E, para maior infelicidade, vim viver com minha sogra, que é um demônio; passa todo o dia atijando a filha contra mim. Vivo num tormento.

LUÍSA – Eu entendo.

JORGE – Quando a roda começa a desandar, é assim. Dois meses depois de eu estar casado, morreu nossa mãe e tu te viste

²¹ Típico imóvel do período colonial, de características simples.

²² Mamata; fonte fácil de lucro.

O Judas em Sábado de Aleluia e Outras Peças

obrigada a vir para minha companhia, para aturares estas duas víboras. Ah, suportar uma mulher é um castigo, mas aturar também uma sogra é... nem eu sei o que seja!... É uma injustiça que Deus nos faz. E quando elas têm um conselheiro e compadre da laia do nosso vizinho Sousa... Isso... (*Dá estalos com os dedos.*)

LUÍSA – Dizes bem, Jorge, esse nosso vizinho é uma das causas do estado desgraçado em que vives com tua mulher, pelos conselhos que lhe dá.

JORGE – Velho infernal, mexeriqueiro babão! Se eu pudesse te colocaria para correr com um pau pela porta afora! Mas esta ainda não é a maior desgraça... Olha, Luísa, há coisas que um marido, por mais prudente que seja, não pode **aguentar**. Tens visto aqui nesta casa o Felisberto?

LUÍSA – Tenho, sim.

JORGE – Pois esse safado, que ninguém sabe do que vive, que não tem ofício nem benefício, que está todo o santo dia no Largo do Rocio²³, metido no bando dos meirinhos²⁴, com o pretexto de ser primo de minha mulher, entra por esta casa adentro com toda a sem-cerimônia; anda de um quarto para outro com toda a frescura, conversa em segredo com minha mulher e **cala-se** quando eu chego.

LUÍSA – E por que o tolera, mano? Você não é o homem desta casa? Até quando terá medo de sua mulher?

JORGE – Medo? Pois eu tenho medo dela? (*Com riso forçado:*) É o que me faltava! O que eu tenho é prudência; não quero me arruinar...

LUÍSA, *à parte* – Coitado!

JORGE – Ele já veio hoje?

LUÍSA – Ainda não.

JORGE – Admira-me!

²³ Atual Praça Tiradentes, no Rio de Janeiro.

²⁴ Antigo funcionário do poder judiciário. Hoje corresponde ao oficial de justiça.



SCHIBESSER

Cena IV

Felisberto e os mesmos.

FELISBERTO, *entrando* – Saudações!

JORGE, *à parte* – Já estava demorando!

FELISBERTO, *para Luísa, sem dar atenção a Jorge* – Olá, minha bela Luisinha. A prima Eufrásia está lá dentro?

LUÍSA, *secamente* – Está. (*Felisberto encaminha-se para sair pela direita, sem dar atenção alguma a Jorge.*)

JORGE, *seguindo-o* – Então pergunta por minha mulher e vai entrando? (*Felisberto sai.*) E então? Querem mais? Que figura faço eu aqui? Que papel represento? (*Passeia agitado de um lado para o outro.*)

LUÍSA, *seguindo-o* – Meu irmão, por que não fazes um esforço para saíres deste vexame em que vives? Mostre energia! Mostre que é homem! Isto é uma vergonha! Não se acredita! Que fraqueza!

JORGE, *parando* – É fraqueza?

LUÍSA – É, sim.

JORGE – Pois quero mostrar-te para que sirvo. Quero mostrar-te que sou homem e que nesta casa governo eu.

LUÍSA – Felizmente.

JORGE – Vou ensiná-las, botar este canalha pela porta afora! Basta de humilhação! Vai tudo com os diabos! (*Caminha decidido e a passos largos para a porta da direita, mas aí chegando, para.*)

LUÍSA – Então, paras?

JORGE, *voltando* – Melhor é ter prudência. Tenho medo de fazer uma morte.

LUÍSA – Meu Deus, que fraqueza!

JORGE – E retiro-me, que não respondo por mim... e mesmo porque vou à drogaria buscar o medicamento que minha sogra pediu. (*Sai.*)

Cena V

Luísa, só, e depois Mariana.

LUÍSA, *só* – Isto contado não é acreditável! Um homem tem medo de sua mulher e de sua sogra a esse ponto! Ah, se eu fosse homem e tivesse uma mulher como esta!...

MARIANA, *entrando* – Vai costurar a renda da minha mantilha! (*Luísa sai. Mariana estará de vestido de riscado e saia de lila²⁵ preta.*) Pague o que come! É um trambolho que eu tenho em casa. A boa **joia** do meu genro acha que eu também devo carregar a irmã. Está enganado; vou atrapalhá-la até que queira sair daqui. Arre!

Cena VI

Mariana e Sousa.

SOUSA, *entrando vestido de capa* – Bons dias, comadre.

MARIANA – Oh, compadre Sousa, por aqui?

SOUSA – Ando na minha sina, comadre. É preciso ganhar a vida. (*Põe a bandeja na mesa.*)

MARIANA – Assim é, compadre.

SOUSA – E, como já estou velho, escolho o ofício que mais me serve... Tiro esmolos.

MARIANA – E as faz render, hem?

SOUSA – Nada, comadre. Ganho só duas patacas²⁶ por dia, que paga o tesoureiro da irmandade para quem tiro esmola.

MARIANA – Só duas patacas? Tão pouco, compadre?

SOUSA – Eu podia fazer como grande parte dos meus companheiros, que tiram as esmolos para si, mas isso não faço

²⁵ Tecido de lã, lustroso e fino.

²⁶ Antiga moeda brasileira, equivalente a 320 réis.

O Judas em Sábado de Aleluia e Outras Peças

eu; quisera antes morrer de fome. Dinheiro sagrado! Talvez a comadre zombe do que eu digo...

MARIANA – Eu não, compadre.

SOUSA – Porque me consta que seu genro...

MARIANA – Meu genro é um velhaco.

SOUSA – Há em todas as profissões velhacos que as põem em dúvida.

MARIANA – Não se importe com isso, compadre.

SOUSA – Oh, eu vivo **tranquilo** com a minha consciência.

MARIANA – Faz muito bem.

SOUSA – Como vai a comadrinha? *(Aqui aparece à porta do fundo Jorge, que trará uma tigela na mão. Vendo Mariana e Sousa, **para** e escuta.)*

MARIANA – Vai bem, compadre. Só o diabo do marido é que lhe dá desgostos; é uma besta que meti em casa...

SOUSA – Comadre, as bestas também se ensinam...

JORGE, *à parte* – safado!

MARIANA – Deixe-o comigo, compadre.

SOUSA – A comadre é mãe e deve vigiar a felicidade de sua filha. Os maridos são o que as mulheres querem que eles sejam. Sou velho e tenho experiência do mundo. A comadrinha que não fraqueje, senão ele bota o pé em seu pescoço.

JORGE, *à parte* – Tratante!

MARIANA – Isso eu lhe digo, e ela o faz. Olhe, compadre, quanto a isso puxou aqui à pessoa...

Cena VII

Os mesmos e Felisberto.

FELISBERTO – Adeus, tia; vou-me embora.

MARIANA – Vem cá, rapaz.

FELISBERTO – O que quer?

MARIANA – Ó, compadre, você não achará um trabalho para este rapaz?

SOUSA – Fraco empenho sou eu, comadre.

FELISBERTO – Não preciso de trabalho.

MARIANA – É melhor bater pernas por essas ruas como um vagabundo, se arriscando a ser preso para soldado? Andar sempre pingando e sem vintém para comprar uma casaca nova? Vê como os cotovelos desta estão rasgado, e esta calça, como está safada.

FELISBERTO – Assim mesmo é que eu gosto... É liberdade! Cada um faz o que quer e anda como lhe parece. Não nasci para me sujeitar a ninguém.

MARIANA – Ai, que modo de pensar é esse? Então, compadre, não arranja nada?

SOUSA – Eu? Só se ele quer também pedir esmolas; posso arranjar-lhe uma capa.

MARIANA – Muito bem lembrado. Ó, sobrinhozinho, queres pedir esmolas?

FELISBERTO, *insultado* – Pois tia Mariana, acha que eu nasci para pedir esmolas? Isto é um insulto! E o Sr. Sousa...

SOUSA – Eu digo: no caso de querer...

MARIANA – Estou vendo que nasceste para príncipe... Já não te lembras que teu pai era fiscal da alfândega?

FELISBERTO – Isto foi meu pai; eu não tenho nada com isso.

SOUSA – Pedir para os santos é uma profissão honesta.

MARIANA – Que não desonra a ninguém. Veste-se uma capa, entra-se pelas casas...

FELISBERTO, *à parte* – Entra-se pelas casas...

MARIANA – ...bate-se à escada e, se demoram a vir saber quem é, senta-se o homem um momento, descansa...

FELISBERTO, *embebido numa ideia*, *sem ouvir a tia* – **Entra-se** pelas casas...

MARIANA – ...vem o moleque ou a moça trazer o vintenzinho...

FELISBERTO – Pois bem, tia, quero fazer seu gosto; pedirei esmola hoje; até para ver se o ofício me agrada.

MARIANA – Sempre achei que tinhas juízo, sobrinhozinho. O compadre arranja-lhe a capa?

SOUSA – Fica a meu cuidado.

MARIANA – Muito bem. E me dê licença, que vou acabar de me vestir. (*Sai.*)

Cena VIII

Sousa e Felisberto; depois Jorge.

FELISBERTO, *à parte* – Não me lembrava que a capa, às vezes, dá entrada até o interior das casas...

SOUSA – Vamos?

FELISBERTO – Quando quiser. (*Encaminham-se para a porta do fundo; Jorge entra e passa por entre eles.*)

SOUSA, *para Jorge, quando passa* – Um seu criado, Sr. Jorge. (*Jorge não corresponde o cumprimento e dirige-se para a porta da direita.*)

FELISBERTO, *voltando-se* – Malcriado! (*Jorge, que está junto à porta para sair, volta-se.*)

JORGE – Hem?

FELISBERTO, *chegando-se para ele* – Digo-lhe que é um malcriado!

JORGE, *com energia* – Isso é comigo?

FELISBERTO – É sim.

JORGE, *vindo para frente da cena.* – Há muito tempo que eu procuro esta ocasião para nos entendermos.

FELISBERTO – Muito me agrada. (*Arregaça as mangas da casaca.*)

SOUSA – Acalmem-se...

JORGE – O senhor tem tomado muitas liberdades em minha casa.

FELISBERTO – Primeiramente, a casa não é sua; e, segundo, tomarei as liberdades que bem me parecerem.

SOUSA – Sr. Felisberto!...

JORGE – O senhor entra por aqui e não me leva em consideração?

FELISBERTO – E que figura é o senhor para eu levar em consideração?

SOUSA – Sr. Jorge!... (*Metendo-se no meio.*)

JORGE – Chegue-se para lá; deixe-me, que estou zangado. O senhor fala com minha mulher em segredo, na minha presença...

FELISBERTO – Faça muito bem, porque é minha prima.

JORGE, *gritando e batendo com os pés* – Mas é minha mulher! E sabe que mais? É por consideração a ela que agora mesmo não esmurro estas tuas ventas. (*Sai com passos largos.*)

FELISBERTO – Volte aqui! (*Quer segui-lo; Sousa o segura.*)

SOUSA – Aonde vai?

FELISBERTO, *rindo* – Ah, ah, ah! Não sei aonde foi a prima achar este grosseirão para marido. Tenho lhe dito muitas vezes que é a vergonha da família.

SOUSA – É um homem sem princípios!

FELISBERTO – Eu tenho prazer de não fazer caso nenhum dele... (*Ouvem-se gritos dentro.*) Ouça, ouça! Não ouve esses gritos? É a tia e a prima que andam com ele. Ah, ah!

SOUSA – Deixe-o, e vamos, que vai ficando tarde. (*Saem ambos, rindo.*)

Cena IX

Entra Jorge desesperado.

JORGE – Os diabos que as carreguem, corujas do diabo! Assim não vai longe; desanda tudo em muita pancadaria. Ora bolas! Que culpa tenho eu que o boticário²⁷ demora em fazer o medicamento? É bem feito, Sr. Jorge, é bem feito! Quem o mandou ser tolo? Agora **aguente**... (*Gritos dentro.*) Grita, grita, canalha, até que arreentem os pulmões! Triste sorte... Que sogra, que mulher! Ah, diabos! Maldita seja a hora em que eu te dei a minha mão; antes te tivesse dado o pé e um coice que arreentasse a ti, a tua mãe e a toda a tua geração passada e por passar. É preciso eu tomar uma decisão. A mana Luísa tem razão; isto é fraqueza. Vou ensinar aquelas víboras! (*Diz as últimas palavras caminhando decidido para a porta; aí aparece Eufrásia e ele recua.*)

²⁷ Farmacêutico.

SCHLOSSER



Cena X

Jorge e Eufrásia.
EUFRÁSIA – Quem é víbora? (*Eufrásia caminha para ele, que vai recuando.*)
JORGE – Não falo contigo... (*Recua.*)
EUFRÁSIA, *seguindo-o* – Quem é víbora?
JORGE, *recuando sempre, encosta-se no bastidor*²⁸ *da esquerda* – Já disse que não falo contigo!
EUFRÁSIA, *junto dele* – Então quem é? Sou eu? Fala!
JORGE, *querendo mostrar-se forte* – Eufrásia!...
EUFRÁSIA – Como Eufrásia! Sou um raio que te parta!...
JORGE – Saia! Olha que perco o respeito por ti!
EUFRÁSIA, *com desprezo* – Pedaco de asno!
JORGE – Pedaco de asno? Olha que te... (*Faz menção de dar uma bofetada.*)
EUFRÁSIA *volta para trás, gritando* – Minha mãe, minha mãe!
JORGE, *seguindo-a* – Cala-te, demônio!
EUFRÁSIA, *junto à porta* – Venha cá!

Cena XI

Mariana e os mesmos.
MARIANA, *entrando com um pano de sinapismo*²⁹ *na mão* – O que é? O que é?
JORGE, *recuando* – Agora sim!
EUFRÁSIA – Jorge está me maltratando!
MARIANA – Grandessíssimo sacana!
JORGE – Sacana?

²⁸ Corredor que contorna a cena, no palco do teatro, fora das vistas dos espectadores.

²⁹ Pano com um medicamento pastoso, que será aplicado sobre o corpo.

O Judas em Sábado de Aleluia e Outras Peças

EUFRÁSIA – Deu-me uma bofetada!

MARIANA – Uma bofetada na minha filha?

JORGE *atravessa por diante de Mariana e chega-se, ranco-roso, para Eufrásia* – Dei-te uma bofetada, hem?

MARIANA, *puxando-o pelo braço* – Que atrevimento é esse, grandessíssimo patife?

JORGE, *desesperado* – Hoje aqui haverá morte!

EUFRÁSIA – Morte! Queres me matar?

MARIANA – Ameaças, grandessíssimo traste?

JORGE, *para Mariana* – Grandessíssima tartaruga!

MARIANA – Tartaruga! Eu?

EUFRÁSIA, *puxando-lhe pelo braço* – Insultas a minha mãe?

JORGE, *para Eufrásia* – Grandessíssima **lampreia**³⁰!

EUFRÁSIA – Que afronta! Ai, ai, que morro... (*Vai cair sentada em uma cadeira e finge-se desmaiada.*)

JORGE – Morre, arrebenta, que te leve a breca³¹! (*Quer sair; Mariana o segura pela capa.*)

MARIANA – Tu matas minha filha, velhaco, mas eu te arranco os olhos da cara...

JORGE – Largue a capa!

MARIANA – ...encho essa cara de bofetões!

JORGE – Largue a capa!

MARIANA – Pensas que minha filha não tem mãe?

JORGE – Largue a capa!

MARIANA – Pensas que irei te aturar, e a **lambisgoia** da tua irmã?

JORGE, *com raiva* – Senhora!...

MARIANA – Queres me matar também, mau caráter?

JORGE, *cerrando os dentes de raiva e metendo a cara diante da de Mariana* – Senhora!... Diabo!...

MARIANA – Ah! (*Dá-lhe com o pano de sinapismo na cara. Jorge dá um grito de dor, leva as mãos à cara e sai gritando.*)

JORGE – Estou cego! Água, água!... (*Sai pelo fundo. Mariana ri às gargalhadas, e Eufrásia faz o mesmo, se levantando da cadeira. Permanecem rindo por alguns instantes, sem poder falar. Luísa aparece à porta.*)

EUFRÁSIA – Que boa lembrança! Ah, ah!

LUÍSA, *à parte* – O que será?

³⁰ Peixe comprido e cilíndrico parecido com uma enguia.

³¹ *Levar a breca*: dar-se mal, morrer, sumir.

MARIANA – Que bela receita para maridos desavergonhados! Ah, ah!

EUFRÁSIA – Já não posso rir... Ah, ah!

MARIANA – *Que cara ele fez! (Vendo Luísa:)* O que queres?

LUÍSA, *tímida* – Eu...

MARIANA – Bisbilhoteira! Vai buscar meu véu e o leque de tua cunhada! *(Luísa sai.)*

EUFRÁSIA – Já sei o remédio daqui por diante.

MARIANA – Sinapismo nele.

EUFRÁSIA – Mas ele não vá ficar cego.

MARIANA – Melhor para ti! *(Entra Luísa com um véu na mão e um leque, que entrega a Eufrásia.)* Dá cá; não podias trazê-lo sem amassar? Desajeitada! *(Põe o véu sobre a cabeça.)* Vamos, que vai ficando tarde. Iremos primeiro a S. Francisco, que está aqui pertinho. *(Para Luísa:)* E tu, fica tomando conta na casa, já que não tens serventia para nada... Pague o que come; não sou burra de ninguém. Vamos, menina.

Cena XII

Luísa e depois Tibúrcio.

LUÍSA, *só* – Não tenho valor... Sempre insultos! Sou a criada de todos nesta casa. Vou pedir ao mano que me meta no Convento da Ajuda.

TIBÚRCIO, *dentro* – Esmola para missas das almas.

LUÍSA – Quem é? *(Tibúrcio aparece à porta, vestido de irmão das almas.)*

TIBÚRCIO – Esmola para missas das almas.

LUÍSA, *sem o reconhecer* – Deus o favoreça!

TIBÚRCIO – Amém. *(Adianta-se.)*

LUÍSA – O senhor, o que quer?

TIBÚRCIO – Deus me favorece...

LUÍSA – O senhor Tibúrcio!

TIBÚRCIO – Ele mesmo, que morria longe de ti.

LUÍSA – Vá-se embora!

O Judas em Sábado de Aleluia e Outras Peças

TIBÚRCIO – Cruel, que eu te fiz?

LUÍSA – Não fez nada, mas vá-se embora.

TIBÚRCIO – Há oito dias que não te vejo. Tenho tanto que te dizer... Oito dias e oito noites fiquei passeando pela tua porta, e tu não me aparecias; até que tomei a resolução de vestir esta capa para poder entrar aqui sem causar desconfiança. Seremos felizes; nossa sorte mudou. (*Põe a bacia sobre a mesa.*)

LUÍSA – Mudou?

TIBÚRCIO – Bem sabes que há muito tempo que ando atrás de um lugar de guarda da Alfândega, e que não tenho podido alcançar; mas agora já não preciso.

LUÍSA – Não precisa?

TIBÚRCIO – Comprei um bilhete de loteria, na Casa da Fama, do Largo de Santa Rita, e ganhei um conto de réis.

LUÍSA – Ah!

TIBÚRCIO – Vou abrir um armarinho. Agora posso te pedir a teu irmão.

LUÍSA – Não, não, não pode ser!

TIBÚRCIO – Não queres ser minha mulher? Terás mudado? Ingrata!

LUÍSA – Não posso, não posso! Meu Deus!

TIBÚRCIO – Ah, já sei, amas a outro. Pois bem; casa-te com ele. Quem o diria?

LUÍSA, *chorando* – Escuta-me...

TIBÚRCIO – Não tenho que escutar. Vou-me embora, vou-me meter em uma das barcas de vapor da Praia Grande, até que ela arrebente... (*Falsa saída.*)

LUÍSA – Quanto sou infeliz!

TIBÚRCIO, *voltando* – Ainda me amas?

LUÍSA – Ainda.

TIBÚRCIO – Então porque não queres casar comigo?

LUÍSA – Oh, acredita-me, é que eu não devo...

TIBÚRCIO – Não deves? Pois adeus, vou para o Rio Grande. (*Falsa saída.*)

LUÍSA – Isto é um tormento que eu sofro!

TIBÚRCIO, *voltando* – Então, queres que eu vá para o Rio Grande?

LUÍSA – Bem sabes o quanto eu te amo, Tibúrcio; tenho te dado provas bastantes, e se...

TIBÚRCIO – Pois dá-me a única que te peço: casa-te comigo. Ah, não respondes? Adeus, vou para Montevidéu. (*Sai pelo fundo.*)

LUÍSA, só – Nasci para ser desgraçada! Eu seria tão feliz com ele; mas é pedreiro-livre... Foi bom que ele se fosse embora. Eu não poderia resistir...

TIBÚRCIO, *aparecendo à porta* – Então, queres que eu vá para Montevidéu?

LUÍSA – Meu Deus!

TIBÚRCIO, *caminhando para frente* – Antes que eu parta desta terra ingrata; antes que eu vá enfrentar esses mares, um só favor te peço, em nome de nosso antigo amor. Dize-me, por que não queres casar comigo? Disseram-me que eu era aleijado, que tinha algum defeito oculto? Se foi isso, é mentira.

LUÍSA – Não me disseram nada disso.

TIBÚRCIO – Então por que é?

LUÍSA – É porque... (*Hesita.*)

TIBÚRCIO – Acaba, diz...

LUÍSA – Porque és pedreiro-livre. (*Benze-se.*)

TIBÚRCIO – Ah, ah, ah! (*Rindo às gargalhadas.*)

LUÍSA – E ri?

TIBÚRCIO – Pois não devo rir? Meu amor, isto são fuxicos que meteram na tua cabeça.

LUÍSA – Eu bem sei o que é. Falas com o diabo à meia-noite; matas as crianças para beber o sangue delas; entregaste tua alma ao diabo; **frequentas** as...

TIBÚRCIO, *interrompendo-a* – Tá, tá, tá! O que aí vai de besteiras! Não sejas pateta; não acredites nestas baboseiras.

LUÍSA – Baboseiras, sim!

TIBÚRCIO – Um pedreiro-livre, minha Luísa, é um homem como outro qualquer; nunca comeu crianças nem falou com o diabo à meia-noite.

LUÍSA – Então, não é verdade o que te digo?

TIBÚRCIO – Ora! São mentiras que te meteram nos miolos para talvez te intrigares comigo. A maçonaria é uma instituição...

LUÍSA – Dá-me a tua palavra de honra que nunca falou com o diabo?

TIBÚRCIO – Juro-te que é sujeitinho com quem nunca me encontrei.

O Judas em Sábado de Aleluia e Outras Peças

LUÍSA – Hoje ouviu missa?

TIBÚRCIO – Nem menos de três.

LUÍSA – Ah, que peso me tiraste do coração!

TIBÚRCIO – Concordas que eu fale a teu mano?

LUÍSA, *vergonhosa* – Não sei...

TIBÚRCIO, *beijando sua mão* – Malditos tagarelas, que iam me fazendo perder este torrão de açúcar! Minha Luísa, nós seremos muito felizes, e eu te...

MARIANA, *dentro* – Devagar, devagar, que não posso.

LUÍSA, *assustada* – É D. Mariana!

TIBÚRCIO – Vou-me embora!

LUÍSA – Não, não, que podem encontrá-lo no corredor! Minha cunhada o conhece... Esconda-se até que elas entrem e depois saia!

TIBÚRCIO – Mas onde?

LUÍSA – Neste armário. (*Tibúrcio esconde-se no armário, deixando a bacia sobre a mesa.*)

Cena XIII

Entra Mariana, apoiada nos braços de Eufrásia e de Sousa.

MARIANA – Ai, quase morri... Tira de mim este véu. (*Luísa tira o véu.*) Ai! (*Senta-se.*) Muito obrigada, compadre.

SOUSA – Não há de que, comadre.

EUFRÁSIA – Acha-se melhor, minha mãe?

MARIANA – Um pouco. Se o compadre não estivesse lá à porta da igreja para me tirar do aperto, eu morria, certamente.

SOUSA – Aquilo é um desaforo!

MARIANA – É assim, é. Juntam-se esses imorais nos corredores das catacumbas para apertarem as velhas e darem beliscões nas moças.

SOUSA – E rasgarem nossas capas.

EUFRÁSIA – É uma indecência!

MARIANA – Espremeram-me de tal modo que ia botando a alma pela boca afora.

EUFRÁSIA – E a mim deram um beliscão, que quase arrancaram carne.

MARIANA – É insuportável!

SOUSA – Principalmente, comadre, em São Francisco de Paula.

MARIANA – Estão horas inteiras num vaivém, só para fazerem safadezas.

EUFRÁSIA – A polícia não vê isso?

MARIANA – Ai, estou que não posso. Compadre, dê-me licença que vou me deitar um pouco.

SOUSA – Faça isso, comadre!

MARIANA, *levanta-se* – Já arranhou a capa para meu sobrinho?

SOUSA – A esta hora já está tirando esmolos.

MARIANA – Muito obrigada, compadre. Não vá embora, jante hoje conosco.

SOUSA – A comadre manda, não pede.

MARIANA – Até já; descanse. (*Saem Mariana, Eufrásia e Luísa.*)

Cena XIV

Sousa e depois Felisberto.

SOUSA, *só* – Estou exausto! (*Senta-se.*) A pobre da comadre, se não sou eu, morre; já estava vermelha como um camarão. (*Ouvem-se dentro gritos de pega ladrão!*) O que será? (*Levanta-se; os gritos continuam.*) É pega ladrão! (*Vai para a porta do fundo; nesse instante entra Felisberto, que virá de capa e bacia, precipitadamente. Esbarra-se com Sousa, e salta-lhe o dinheiro da bacia no chão.*)

FELISBERTO – Salve-me, salve-me, colega! (*Trazendo-o para frente da cena.*)

SOUSA – O que é isto, homem? Explique-se!

FELISBERTO, *tirando um relógio do bolso* – Tome este relógio, guarde-o. (*Sousa toma o relógio maquinalmente.*)



SOUSA – Que relógio é esse?

FELISBERTO – O povo aí vem atrás de mim, gritando: *Pega ladrão!* – mas creio que o enganei.

SOUSA – E o senhor roubou este relógio?

FELISBERTO – Não, senhor! Entrei em uma casa para pedir esmola, e, quando saí, achei-me com este relógio na mão, sem saber como... (*Vozearia dentro.*) Aí vêm eles! (*Corre e **esconde-se** no armário.*)

SOUSA, *com o relógio na mão* – E me meteu em uma boa, deixando-me com o relógio na mão! Se assim me pegam estou perdido. (*Põe o relógio sobre a mesa.*) Antes que me encontrem aqui, safo-me. (*Vai sair; ao chegar à porta, **para** para ouvir a voz de Jorge.*)

JORGE, *dentro* – Isto é um insulto! Não sou ladrão! Em minha casa não entrou ladrão nenhum!

SOUSA, *voltando* – Aí vêm!... E este relógio que me acusa... No mínimo prendem-me como cúmplice. (*Corre e esconde-se no armário.*)

Cena XV

Entra Jorge.

JORGE – Não se dá maior pouca vergonha... Julgarem que eu era ladrão! Creio que algum tratante aproveita-se da capa para entrar com liberdade nas casas e roubar alguma coisa, e os mais que andam de capa, que paguem!... Eu, roubar relógio!... Pois olhem, precisava bem de um. (*Vê o relógio sobre a mesa.*) Um relógio! Que diabo! (*Pegando no relógio:*) De quem será? Será roubado? Quatro bacias com esmolas! E então? E então tenho três homens dentro de casa? Oh, com os diabos! E todos três irmãos das almas... E ladrões ainda por cima! Vou saber como é isto. Mas, não; se eu perguntar, não me dizem nada. (*Aqui aparece à porta da direita Eufrásia, sem que ele a veja.*) É melhor que eu veja com meus próprios olhos. Vou esconder-me no armário e de lá espireitarei. (*Vai para o armário; Eufrásia o segue pé ante*

O Judas em Sábado de Aleluia e Outras Peças

pé. Logo que entra no armário, ela dá um pulo e fecha o armário com a chave.)

EUFRÁSIA – Está preso! Minha mãe, venha ver o canário!
(*Sai.*)

Cena XVI

Ouve-se dentro do armário uma discussão, gritos e pancadas nas portas; isto dura por alguns instantes. Entram Mariana e Eufrásia.

EUFRÁSIA – Está ali, minha mãe, eu o prendi!

MARIANA – Fizeste muito bem. (*Chega-se para o armário.*)

EUFRÁSIA – Como grita! Que barulho faz!

MARIANA – Aqui há mais de uma pessoa...

EUFRÁSIA – Não, senhora. (*Os gritos dentro redobram e ouve-se muitas vezes a palavra ladrão!, pronunciada por Jorge.*)

MARIANA – São ladrões! (*Ambas gritam pela sala de um lado para outro.*) Ladrões, ladrões, ladrões! (*Luísa aparece à porta.*)

LUÍSA, *entrando* – O que é isto?

EUFRÁSIA – Ladrões em casa!

AS TRÊS, *correndo pela sala* – Ladrões, ladrões! Quem nos acode? Ladrões!

Cena XVII

Entra uma patrulha de quatro permanentes e um cabo. Virão de farda branca, cinturão e pistolas.

CABO, *entrando* – Que gritos são esses?

MARIANA – Temos ladrões em casa!

CABO – Onde estão?

EUFRÁSIA – Ali no armário!

LUÍSA, *à parte* – No armário! Que fiz eu? Está perdido... (*O cabo dirige-se para o armário com os soldados. Mariana, Eufrásia e Luísa encostam-se para a esquerda, junto à porta.*)

CABO, *junto ao armário* – Quem está aí?

JORGE, *dentro* – Abra, com todos os diabos!

CABO – Sentido, camaradas! (*O cabo abre a porta do armário; por ela sai Jorge e torna a fechar a porta com rapidez. O cabo agarra na gola da sua casaca.*) Está preso.

JORGE, *depois de ter fechado o armário* – Que diabo é isto?

CABO – Nada de resistência.

JORGE – O ladrão não sou eu.

EUFRÁSIA, *do lugar onde está* – Senhor permanente, este é meu marido.

JORGE – Sim, senhor. Eu tenho a honra de ser o marido da senhora.

EUFRÁSIA – Fui eu que o fechei no armário, e por isso é que se encontrou com os ladrões que ainda estão lá dentro.

JORGE – Sim, senhor, a senhora fez-me o favor de me fechar aqui dentro, e por isso é que se deu com os ladrões... que aqui estão ainda...

CABO – Pois abra. (*O cabo diz estas palavras a Jorge porque ele conserva-se, enquanto fala, com as costas apoiado no armário. Jorge abre a porta, sai Sousa; o cabo segura Sousa. Jorge torna a fechar o armário e encosta-se. Sousa e o cabo que o segura caminham um pouco para a frente.*)

JORGE – Este é que é o ladrão.

SOUSA – Não sou ladrão. Deixe-me!

MARIANA – O compadre!

SOUSA – Comadre... (*Mariana chega-se para ele.*)

JORGE – Segure-o bem, senão foge.

SOUSA – Fale por mim, comadre. Diga ao senhor que eu não sou ladrão.

JORGE – É ele mesmo, e outro que aqui está dentro.

CABO – Vamos.

SOUSA – Espere.

MARIANA – Como é que você, compadre, estava ali dentro?

SOUSA – Por causa de um maldito relógio que...

JORGE – Vê? Está confessando que roubou o relógio. Ali está sobre a mesa.

O Judas em Sábado de Aleluia e Outras Peças

CABO – Siga-me.

SOUSA – Espere!

MARIANA – Um momento.

CABO – Senão vai à força. Camaradas!

JORGE – Duro com ele! (*Chegam-se dois soldados e agarram Sousa.*)

CABO – Levem este homem para o quartel.

SOUSA, *debatendo-se* – Deixem-me falar...

CABO – Lá falará. (*Os soldados levam Sousa à força.*)

SOUSA – Comadre! Comadre!

JORGE – Sim, sim; lá falará! Safado, ladrão!

MARIANA – Estou confusa!

JORGE – Vamos aos outros que aqui estão.

EUFRÁSIA – Não explico isto! (*Jorge abre a porta do armário; sai por ela, com impetuosidade, Felisberto. Atira Jorge no chão e foge pela porta do fundo. O cabo e os dois soldados correm em seu alcance.*)

CABO – Pega, pega! (*Sai, assim como os soldados. Jorge levanta-se.*)

JORGE – Pega ladrão! Pega ladrão! (*Sai atrás, correndo.*)

Cena XVIII

Mariana, Eufrásia e Luísa.

MARIANA – É meu sobrinho!

EUFRÁSIA – É o primo!

LUÍSA, *à parte* – De onde ele saiu?

MARIANA – Não sei como foi isto.

EUFRÁSIA – Nem eu.

MARIANA – Deixei o compadre aqui sentado.

EUFRÁSIA – O primo estava pedindo esmolas.

MARIANA – Isto foi traição do safado do meu genro.

EUFRÁSIA – Não pode ser outra coisa.

MARIANA – Mas deixe-o voltar...

EUFRÁSIA – Eu lhe ensinarei... (*Durante este pequeno diá-*

logo, Luísa, que está um pouco mais para o fundo, vê Tibúrcio, que da porta do armário lhe faz acenos.)

MARIANA – O que estás tu a fazer acenos? Vem cá. (*Pega-lhe pelo braço.*) Vistes o que fez o belo do teu irmão? Como ele não está aqui, tu é que vais me pagar.

LUÍSA – Eu? E por quê?

MARIANA – Ainda pergunta por quê? Não viste como ele fez prender a meu compadre e a meu sobrinho? Isto são coisas arranjadas por ele e por ti.

LUÍSA – Por mim?

EUFRÁSIA – Sim, por ti mesma.

LUÍSA – Oh!

MARIANA – Estás te fazendo de desentendida! Não bastava eu aturar o desavergonhado do irmão; devo também **aguentar** as poucas-vergonhas desta descarada. (*Luísa chora. Aqui aparece à porta do fundo Jorge; vendo o que se passa, para em observação.*) Hoje mesmo não dorme em casa. Não quero. Vai juntar a tua roupa e rua! rua! (*Tibúrcio sai do armário e encaminha-se para elas.*)

TIBÚRCIO – Não ficará desamparada. (*Mariana e Eufrásia assustam-se.*)

LUÍSA – Que fazes?

TIBÚRCIO – Vem, Luísa.

MARIANA – Quem é o senhor?

TIBÚRCIO, *para Luísa* – Vamos procurar teu irmão.

LUÍSA – Espera. (*Eufrásia observa Tibúrcio com atenção.*)

MARIANA – Isto está galante. Muito bem! Então a menina tem os amantes escondidos. Está adiantada...

TIBÚRCIO – Senhora, mais respeito!

MARIANA – Ora!

LUÍSA – Tibúrcio!...

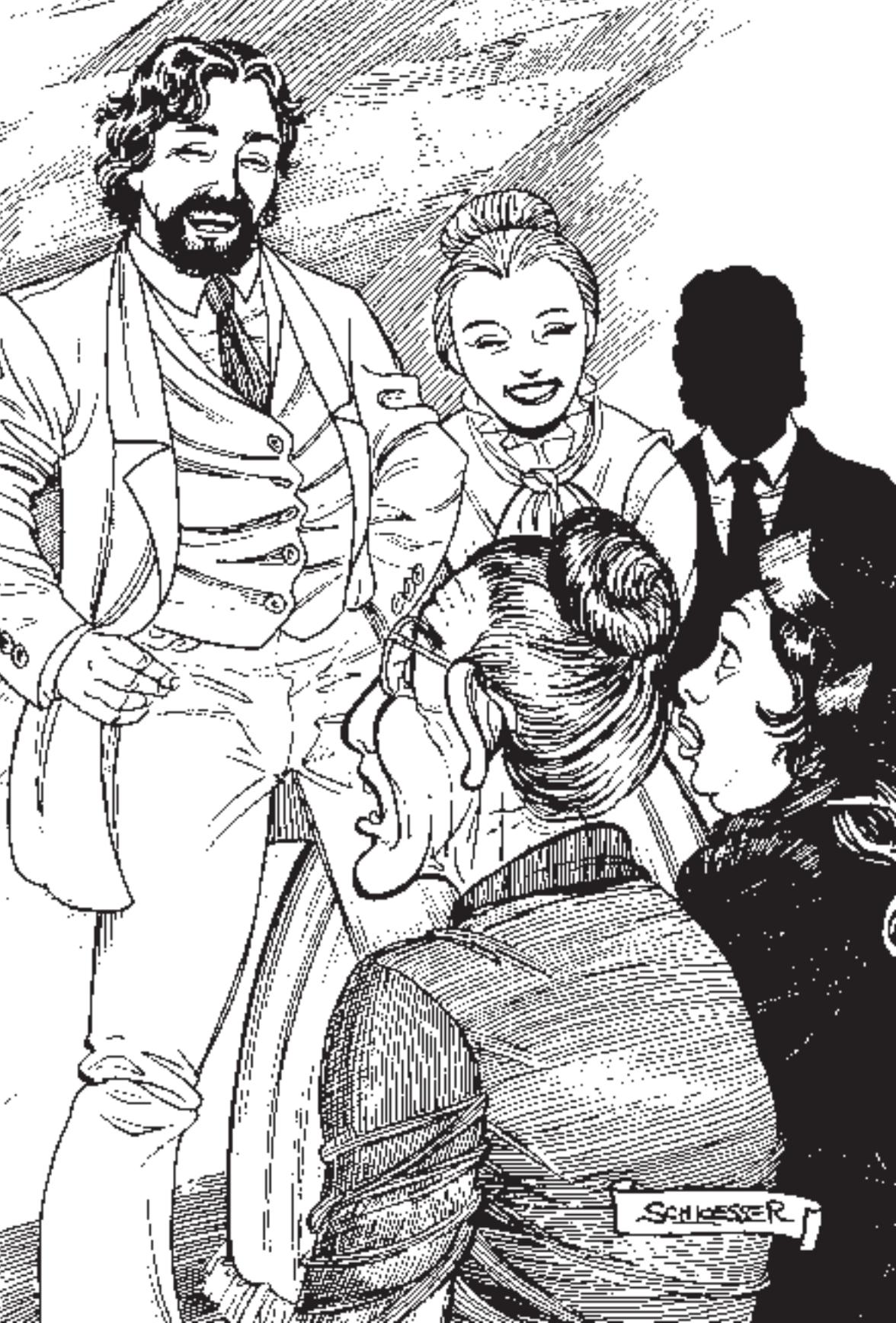
EUFRÁSIA – Tibúrcio! É ele mesmo! Fuja, minha mãe!... (*Recua.*)

MARIANA – O que é?

EUFRÁSIA – Fuja, que é um pedreiro-livre! (*Começa a correr para dentro.*)

MARIANA, *aterrorizada* – Santa Bárbara, São Jerônimo, acudam-me! (*Sai correndo.*)

TIBÚRCIO, *admirado* – E esta!...



SCHLESSE

Cena XIX

Jorge, que da porta tem observado tudo, logo que Mariana sai, corre e se abraça com Tibúrcio.

JORGE – Meu Salvador! Meu libertador!

TIBÚRCIO – O que danado é isso? Temos outra?

JORGE – Homem incomparável!

LUÍSA – Mano!

TIBÚRCIO – O senhor está doido?

JORGE, *abraçando-se com os pés de Tibúrcio* – Deixe-me beijar seus pés, vigésima maravilha do mundo!

TIBÚRCIO – Levante-se, homem!

LUÍSA – O que é isto, Jorge?

JORGE, *de joelhos* – E adorar-te como o maior descobridor dos tempos modernos.

TIBÚRCIO – Não há dúvida, está doido!

LUÍSA – Doido? Faltava-me esta desgraça!

JORGE *levanta-se* – Pedro Alves Cabral, quando descobriu a Índia, Camões, quando descobriu o Brasil, não foram mais felizes do que eu por ter descoberto o meio de meter medo a minha sogra e a minha mulher. E a quem devo esta felicidade? A ti, homem sublime.

TIBÚRCIO – E é só por isso?

JORGE – Acha pouco? Sabe o que é uma sogra e uma mulher? O senhor gosta da mana?

TIBÚRCIO – Tinha a intenção de o procurar hoje mesmo, para falar-lhe a este respeito.

JORGE – Quer casar-se com ela?

LUÍSA – Jorge!

TIBÚRCIO – Seria minha maior felicidade.

JORGE – Pois bem, faça com minha sogra o que eu fizer com minha mulher.

TIBÚRCIO – Como é isso?

LUÍSA – Que loucura!

JORGE – Quer casar-se? É decidir, e depressa.

TIBÚRCIO – Homem, se a coisa não é impossível...

O Judas em Sábado de Aleluia e Outras Peças

JORGE – Que impossível! Minha sogra é uma velha.

TIBÚRCIO – Por isso mesmo.

JORGE – Luísa, vai chamá-las. Diga-lhes que estou só e que preciso muito falar com elas. E tu não apareças enquanto elas estiverem aqui. Anda! (*Luísa sai.*)

Cena XX

Jorge e Tibúrcio.

TIBÚRCIO – O que quer fazer?

JORGE – Saberá. Esconda-se outra vez no armário, e, quando eu bater com o pé e gritar: *Satanás!*, salte para fora, agarre a minha sogra e faça o que eu fizer.

TIBÚRCIO – Aqui mesmo nesta sala?

JORGE – Sim, sim. E vá logo, que elas não demoram.

TIBÚRCIO – Está feito! Como é para depois casar-me... (*Esconde-se no armário.*)

JORGE, *à parte* – Tolo! Casa-te e depois me dá as novidades. (*Senta-se.*) Hoje é dia de felicidades para mim. Achei um marido para a mana; coloquei os dois tratantes no xilindró e, para coroar a obra, descobri o meio de me fazer respeitar nesta casa. Ainda bem que eu tinha meus medos de me encontrar com elas... Devem estar danadas.

Cena XXI

Mariana e Eufrásia aparecem à porta e, temerosas, espreitam para a cena.

JORGE – Podem entrar.

MARIANA, *adiantando-se* – Podem entrar? A casa é tua?

EUFRÁSIA – De hoje em diante tu e a desavergonhada da tua irmã irão para a rua.

JORGE – Veremos...

MARIANA – Que desaforo é esse? Ai, que te arrebento!

JORGE, *levanta-se e coloca-se entre as duas* – Até aqui tenho vivido nesta casa como um cão...

EUFRÁSIA – Assim o merecias.

MARIANA – E ainda mais.

JORGE – Mas, como tudo neste mundo tem fim, o meu tratamento de cão também o terá.

MARIANA – Agora também digo eu – veremos!

JORGE – Até agora não tenho sido homem, mas era preciso sê-lo. E o que eu havia de fazer para ser homem? (*Com exaltação:*) Entrar nessa sociedade extraordinária, universal e imensa, onde se aprendem os verdadeiros direitos do homem. (*Faz caretas e sinais extravagantes com as mãos.*)

EUFRÁSIA – O que quer dizer isto?

MARIANA – Ai, o que ele está fazendo?

JORGE – Estes são os sinais da ordem. (*Faz os sinais.*)

MARIANA – Está doido!

JORGE, *segurando-as pelos punhos* – A senhora tem feito de mim seu gato-sapato; e a senhora, seu moleque; mas isto **acabou-se!** (*Levanta os braços das duas, que dão um grito.*) Acabou-se! Sou pedreiro-livre! Satanás!

MARIANA – Misericórdia!

EUFRÁSIA – Jesus! (*Tibúrcio salta do armário. Jorge deixa o braço de Mariana e, segurando em ambos os de Eufrásia, gira com ela pela sala, gritando: Sou pedreiro-livre! O diabo é meu compadre! Tibúrcio faz com Mariana tudo o que vê Jorge fazer. As duas gritam aterrorizadas. Jorge larga Eufrásia, que corre para dentro. Tibúrcio, que nessa ocasião está do lado esquerdo da cena, larga também Mariana, que atravessa a cena para acompanhar Eufrásia; encontra-se no caminho com Jorge, que faz-lhe uma careta e a obriga a fazer um rodeio para sair. Os dois desatam a rir.*)

JORGE – Bem diz o ditado, que ri melhor quem ri por último. Luísa? Luísa? (*Para Tibúrcio:*) Um abraço. Que achado!

Cena XXII

Entra Luísa.

JORGE – Vem cá. *(Conduzindo-a para Tibúrcio:)* Aqui está o pagamento do serviço que acaba de me fazer. Sejam felizes se puderem, que eu, de hoje em diante, se não for feliz, serei ao menos senhor em minha casa. *(Aqui entram correndo Mariana e Eufrásia, como querendo fugir de casa. Mariana trará o véu na cabeça e uma trouxa de roupa debaixo do braço; o mesmo trará Eufrásia. Jorge, vendo-as:)* Pegue-as! *(Jorge diz estas palavras logo que as vê. Corre de encontro a elas e fica junto à porta que dá para o interior, quando elas já estão quase junto à porta da rua. Aparece da porta um irmão das almas.)*

IRMÃO – Esmola para missas das almas! *(As duas quase que esbarram, na carreira que levam, contra o irmão. Dão um grito e voltam correndo para saírem por onde entraram, mas aí encontram Jorge, que fecha a saída; atravessam a cena e, esbarrando do outro lado com Tibúrcio, largam as trouxas no chão e caem de joelhos tremendo.)*

EUFRÁSIA – Estamos cercadas!

MARIANA – Meus senhoresinhos, não nos levem para o inferno!

JORGE – Descansem, que para lá irão sem que ninguém as leve...

AMBAS – Piedade! Piedade!

JORGE – Bravo! Sou senhor em minha casa! E eu que pensava que era mais difícil governar mulheres! *(Mariana e Eufrásia conservam-se de joelhos, no meio de Jorge, Tibúrcio e Luísa, que riem às gargalhadas até abaixar o pano.)*

IRMÃO, enquanto eles riem e desce o pano – Esmola para missas das almas!

(Cai o pano.)

FIM.



O Namorador ou a Noite de São João

Comédia em 1 ato

PERSONAGENS

VICENTE, velho

CLARA, mulher de Vicente

CLEMENTINA, filha de Vicente e Clara

RITINHA, amiga de Clementina

LUÍS, primo de Clementina

JÚLIO.

MANUEL, ilhéu, feitor

MARIA, ilhoa, sua mulher

Convidados de ambos os sexos, meninos, negros e molesques.

A cena se passa em uma chácara no Engenho Velho, no ano de 1844.

ATO ÚNICO

O cenário do teatro representa uma chácara. No fundo, a casa de vivenda com quatro janelas rasgadas³² e uma porta para a cena. A casa dentro estará iluminada, deixando ver pelas janelas várias pessoas dançando ao som de música, outras sentadas e alguns meninos. À esquerda, no primeiro plano, a casinha do feitor³³, que, sendo saliente sobre a cena, terá uma janela larga para frente do tablado e uma porta para o lado; debaixo da janela haverá um banco de relva³⁴. No canto que faz a casinha, um monte de palha; à direita, no mesmo plano da casinha, uma carroça. Defronte da porta da casa, uma fogueira ainda não acabada; mais para frente, o mastro de São João, e dos lados deste, um pequeno

³² Janelas que permitem que se veja movimento e iluminação por trás do cenário.

³³ Diz-se do encarregado, capataz ou supervisor de trabalhadores.

³⁴ Gramado; erva rasteira.

fogo de artifício com duas rodas nas extremidades e de fogos de vista e coloridos, que serão atacados a seu tempo. A cena é iluminada pela lua, que se vê sobre a casa por entre árvores.

(N.B.:³⁵ Deve-se dar todo o espaço necessário para a distribuição da cena marcada acima, a fim de se evitar a confusão e conservar a naturalidade do que se quer representar.)

³⁵ N.B.: Sigla que significa *nota bene*, nota bem.

Cena I

Ritinha com um copo com água na mão, e Clementina com um ovo.

RITINHA – Só nos falta esta adivinhação. Já plantamos o dente de alho, para vê-lo amanhã nascido; já saltamos três vezes por cima de um tição³⁶...

CLEMENTINA – E já nos escondemos detrás da porta, para ouvirmos pronunciar o nome daquele que será teu noivo.

RITINHA – Vamos à do ovo. (*Clementina quebra o ovo na beira do copo e coloca a clara e gema dentro da água.*)

CLEMENTINA – Agora me dê (*toma o copo*), e deixamos ao sereno.

RITINHA – Para quê? Explica-me esta, que eu não sei.

CLEMENTINA – Este ovo, exposto ao sereno dentro da água, vai tomar uma forma qualquer, por milagre de São João. Se aparecer uma mortalha, é sinal que morremos cedo; se tomar a figura de uma cama, prova que casaremos este ano; e, se se

³⁶ Pedaco de lenha ou de carvão meio queimado.

mostrar debaixo da forma de um véu de freira, é presságio certo que viveremos sempre solteiras. (*Põe o copo sobre o banco de relva.*)

RITINHA – O melhor é não perguntarmos isso.

CLEMENTINA – Tens medo?

RITINHA – A esperança, pelo menos, alimenta. Se eu tivesse a certeza que nunca acharia um noivo, não sei o que faria.

CLEMENTINA – Pois eu tenho a certeza que o acharei.

RITINHA – Podes dizer isso, és bonita...

CLEMENTINA – Tu também és.

RITINHA – Mas és rica, e eu não; e esta pequena diferença muda muito a questão. És filha única, e teu pai possui esta bela chácara e muitas outras propriedades. Ali dentro estão alguns moços que lutariam para te agradar; está nas tuas mãos escolheres um para noivo. E eu posso dizer o mesmo?

CLEMENTINA – E por que não?

RITINHA – Tenho apenas um namorado.

CLEMENTINA – É o primo Luís?

RITINHA – É ele mesmo, mas confesso-te ingenuamente que não sei o que ele quer. Ora mostra-se muito apaixonado, ora não se interessa por mim e namora outras moças mesmo à minha vista; às vezes passam-se dias e dias sem aparecer...

CLEMENTINA – Pois o que tu esperas do primo Luís, daquele doido que namora a torto e a direito a bonita e a feia, a moça e a velha?

RITINHA, *suspirando* – Ai, ai!

CLEMENTINA – O que me admira é ver como tens conseguido tê-lo como namorado há quase três meses.

RITINHA – Bem, tem me custado esforços.

CLEMENTINA – Eu acredito, porque ele diz que um namoro que dura mais de oito dias é chatice.

RITINHA – Não poderás dizer tanto dos teus, principalmente do Júlio.

CLEMENTINA – Queres que te diga uma coisa? O tal Sr. Júlio, com todos os seus excessos, já vai me aborrecendo sofrivelmente.

RITINHA – Oh, te aborrecem os excessos?

CLEMENTINA – Quando está junto de mim tem um ar tão sentimental que faz dó ou riso.

RITINHA – É amor.

O Judas em Sábado de Aleluia e Outras Peças

CLEMENTINA – Se é obrigado a me responder, é hesitando e trêmulo; atrapalha-se, não sabe o que diz e também nunca acaba de dizer.

RITINHA – É amor.

CLEMENTINA – Os seus olhos não me deixam; acompanham-me por toda a parte. Não dou um passo que não seja observada.

RITINHA – São provas de amor.

CLEMENTINA – E se eu falo com algum moço? Isso então!... Fica logo muito aflito, mexendo-se na cadeira, com o nariz muito comprido e com os olhos cheios de lágrimas. E se eu não lhe faço logo a vontade, deixando de conversar com o moço, ele levanta-se subitamente, pega o chapéu e sai desesperado pela porta afora como quem tem a firme intenção de nunca mais voltar. Mas não! Daí a dois minutos está ele ao meu pé.

RITINHA – Tudo isso é amor.

CLEMENTINA – É amor! É amor, sei, mas me aborrece tanto amor. *(Aqui aparece no fundo Júlio.)*

RITINHA – Vê como são as coisas: eu me queixo do meu por ser indiferente; tu, do teu, por ser excessivo.

CLEMENTINA – É que os extremos se tocam. Não tens ouvido cantar aquele lundu³⁷: “Eu que sigo o meu bem? Mas também o que é verdade é que eu às vezes muito de propósito o faço desespear”.

RITINHA – Isso é maldade. *(Clementina vê Júlio, que a este tempo está atrás dela.)*

CLEMENTINA, *à parte, para Ritinha* – Olha! E ele comigo! Não te dizia que me acompanha por toda parte?

RITINHA, *rindo* – Adeus. *(Sai correndo.)*

CLEMENTINA, *querendo segurá-la* – Espera! *(Quer segui-la.)*

JÚLIO, *seguindo-a* – Um momento! *(Clementina volta-se para Júlio.)*

CLEMENTINA – O que quer? *(Caminha para frente.)*

JÚLIO – Eu... *(Fica embaraçado. Alguns momentos de silêncio.)*

CLEMENTINA, *à parte* – E então?

JÚLIO – Eu... *(O mesmo jogo.)*

CLEMENTINA, *à parte* – E ficamos nisto!

JÚLIO – Se me permitisse... *(Mesmo jogo.)*

³⁷ Dança de origem africana, trazida pelos escravos bantos.

CLEMENTINA – O senhor está tão angustiado. Tem alguma dor?

JÚLIO – Tenho sim, ingrata, mas é no coração.

CLEMENTINA – Ah, desembuchou?

JÚLIO – Pensei em passar hoje uma noite alegre e divertida e só encontrei tormentos e desenganos.

CLEMENTINA – Ah, encontrou desenganos, coitado! Então quem foi que teve a barbaridade de o desenganar?

JÚLIO – Uma cruel, que zomba de mim e de minha vida, que ainda será causa de alguma loucura.

CLEMENTINA – Ora vejam só que crueldade!

JÚLIO, *desesperado* – Oh, isto não pode durar muito. (*Com ternura, pegando na sua mão:*) Clementina, por que és tão má comigo? O que eu te fiz para ser assim maltratado? Eu, que tanto te quero bem!

CLEMENTINA – Ontem despedimo-nos em paz. Quais são as queixas hoje?

JÚLIO – Teu primo Luís.

CLEMENTINA – Ainda com ciúmes?

JÚLIO – Ama-o, e ele me vingará. Não encontrarás outro coração como o meu.

CLEMENTINA – Acabou? Com sua licença. Vou comer batatas.

JÚLIO, *segurando-a* – Oh, não, não!

CLEMENTINA, *voltando* – Então queria que eu ficasse a noite toda olhando para o senhor, com a boca aberta, ham? Feito uma pateta! Que não conversasse mais com minhas amigas, que estivesse amuada em um canto da sala, eu defronte e o senhor à vista, assim como dois touros que querem se atacar? Sabe o que mais? Isto já vai me aborrecendo.

JÚLIO – Perdoa-me.

CLEMENTINA – Por mais de uma vez já tenho manifestado os sentimentos que me animam a seu respeito e dado prova da preferência que tenho por ti. Quando um dia perguntou-me se eu queria ser sua mulher, respondi-lhe com franqueza que sim, mas que previa obstáculos da parte de meu pai.

JÚLIO – Tudo isto é verdade.

CLEMENTINA – E falei mais: que esse temor, porém, não esfriasse o nosso amor, que paciência e tempo tudo conseguem, e que minha mãe era a nosso favor. E eu teria esquecido a esse



SCHLOSSER

ponto de minha posição e pudor se não o amasse? *(Aqui entra pela esquerda, por detrás da casinha do ilhéu, Luís, com uma carta de bichos acesa, pendurada de uma varinha. Corre para Clementina, gritando.)*

LUÍS – Viva São João! Viva São João! *(Clementina foge.)*

CLEMENTINA – Primo Luís, primo Luís! *(Luís vai atrás dela gritando sempre, até que ela sai pelo fundo.)*

Cena II

Enquanto Luís corre atrás de Clementina, Júlio fica olhando para ela.

JÚLIO – E veio nos interromper na melhor ocasião! Isto foi muito de propósito! Não é sem razão que eu desconfio dela; ama o primo. *(Neste tempo, Luís, que volta para cena, está junto dele.)*

LUÍS – Ó, Júlio, que bela festa, hem?

JÚLIO, *à parte* – Vem zombar de mim.

LUÍS – Não há melhor! Foguetes para soltar, música para dançar e sobretudo moças para namorar. O tio João festeja o nome de seu santo com grandeza. Tu não tens foguetes?

JÚLIO, *com mau modo* – Não.

LUÍS – Nem namorada?

JÚLIO, *da mesma forma* – Não.

LUÍS – Ó, desalmado, marreco de gesso! Não tens namorada, quando aquela sala está cheia de meninas tão encantadoras? Não tens namorada? Então que vieste fazer?

JÚLIO – Agradecer à pessoa que me convidou, **portando-me** com decência.

LUÍS – Como diabo tu entendes as coisas às avessas? Quando se convida para uma *soirée*³⁸, ou outra festa qualquer, rapazes solteiros é para que eles namorem. Todos sabem que sem namoro as mais brilhantes reuniões esfriam e duram poucas horas. Sem namorar as moças ficam amuadas, as velhas dormem e os velhos roncam. Sem namoro, essa vivacidade que

³⁸ Evento social realizado à noite.

se nota nos olhares e gestos das meninas desaparece e morre, por falta de alimento. Sem esse grande estimulante, o desejo de conquistar adormece no coração e leva a moleza ao corpo e o aborrecimento à alma. Tudo fica triste e sem sabor. Os pais e mães de família retiram-se cedo com as filhas, porque não **veem** possibilidade de pescarem noivos para elas onde não há namoro prometido. Mais três ou quatro quadrilhas e não se **veem** esses casais solitários no meio do esplêndido baile, sentados nos cantinhos da sala, alheios a tudo o que se passa ao redor dela, e que tanto servem para divertimento de todos. Cessa a maledicência, desaparecem esses segredinhos que se dizem ao ouvido e que fazem corar. Numa palavra, tudo esfria, emudece, dorme! O namoro é a alma da vida, a existência necessária de todas as reuniões. É o centro ao redor do qual giram todas as afeições, intrigas, gentes e despesas. Por ele é que a menina se enfeita, que os rapazes se desafiam, e se endivida o homem. Por ele é que o pobre pai de família paga o roubo da conta das francesas. Enfim, é o motor universal, é o “fogo viste, **linguiça**”³⁹ das sociedades. Por isso é que todas as vezes que eu sou convidado para algum baile ou festa como esta, namoro a torto e a direito, para agradecer ao dono da casa.

JÚLIO – Ah, é para agradecer aos donos das casas? Devem ficar muito agradecidos.

LUÍS – E não ficam pouco. Faço o meu dever. Tenho feito as moças lá dentro suspirarem, inclusive a minha bela priminha.

JÚLIO, *travando-lhe o braço* – Isto é uma traição!

LUÍS – Hem?

JÚLIO – É uma traição que cometes para comigo de quem te dizes amigo. Sabes muito bem, porque já tenho te dito, que eu amo a tua prima.

LUÍS – E o que tem isso? Tu namoras e eu também namoro; o caso não é novo – vê-se isso todos os dias.

JÚLIO – É preciso acabarmos com esta palhaçada. Não zombo.

LUÍS – Nem eu.

JÚLIO – Falo muito sério.

LUÍS – Que diabo de tom é esse?

JÚLIO – Faz por toda a parte este papel de namorado e de tolo, ages sempre sem seriedade e com ar brincalhão por

³⁹ Provérbio português: diz-se de uma coisa que desapareceu rapidamente.

desprezo pelo homem sensato, que pouco me diz respeito isso; nenhum interesse tenho eu em corrigir-te...

LUÍS – O caso começa a parecer uma pregação.

JÚLIO – Mas não lances um só olhar para Clementina, não lhe digas uma só palavra de galanteio ou sedução, porque então te haverás comigo e tarde te arrependerás.

LUÍS – Quem, eu?

JÚLIO – Sim, tu.

LUÍS – Isto é uma ameaça?

JÚLIO – É, sim.

LUÍS – Ah, a coisa chegou a esse ponto? Pois, meu amigo, andou muito mal; os seus ciúmes o arruinaram.

JÚLIO – Isso veremos.

LUÍS – Até agora eu namorava a prima inocentemente e sem intenção, como faço com todas as moças que encontro; isto é um hábito em mim. Mas agora, já que se formaliza e me ameaça, lhe mostrarei que não só namorarei a priminha de noite e de dia, como também casarei com ela.

JÚLIO, *raivoso* – Oh!

LUÍS – O que o amor não tem podido fazer de mim, o **amor-próprio** fará. Estou resolvido a me casar.

JÚLIO, *segurando-lhe na gola da casaca* – Não me leves ao desespero! Desiste? (*Aqui aparece no fundo Clara, que se encaminha para eles.*)

LUÍS, *segurando na gola da casaca de Júlio* – Não quero! (*Júlio agarra com a outra mão na gola da casaca de Luís, que faz o mesmo, empurrando-se mutuamente.*)

JÚLIO – Não me faça praticar uma ação que nos prejudicaria a ambos.

LUÍS – Perdido eu já estou, porque vou me casar.

JÚLIO, *forcejando* – Insolente!

SCHLOSSER



Cena III

Clara junto deles.

CLARA – Então, o que é isto? (*Os dois surpreendem-se e se separam.*)

LUÍS – Não é nada, minha tia, estávamos experimentando forças.

CLARA – Ora, deixemos agora disso. Venham dançar, que faltam pares. Venham.

LUÍS – Vamos, tiazinha. (*Para Júlio:*) Vou acelerar o namoro. Viva São João! (*Sai dando vivas.*)

CLARA, *rindo* – É um doido este meu sobrinho. Venha, Sr. Júlio.

JÚLIO – Já vou, minha senhora. (*Clara sai.*)

Cena IV

Júlio, só.

JÚLIO – O que irei fazer? Talvez tenha feito mal em levar as coisas a este extremo. Luís inicia os namoros e os deixa com a mesma facilidade. Não devia me inquietar. Maldito ciúme! Estou em uma perplexidade cruel. Devo me declarar hoje mesmo com o Sr. João Félix e pedir sua filha. Vaga esperança! Estou certo de que ele não concordará; não tenho fortuna. Meu Deus! (*Sai vagaroso.*)

Cena V

Enquanto Júlio dirige-se para o fundo, entra pela direita o ilhéu, seguido de quatro negros, trazendo os dois primeiros lenha, o terceiro um cesto à cabeça, e o quarto um feixe de cana.

MANUEL – Paizinhos, vão acabar de fazer a fogueira. Levem primeiro vocês a cana e os carás⁴⁰ à Senhora. *(Manuel fala como os ilhéus, isto é, cantando. Os negros da lenha vão acabar de fazer a fogueira; os outros dois saem pelo fundo. Manuel, só:)* Cá no Brasil é como na minha terra; também se festeja a noite de São João. Quem me dera no Tojal⁴¹! Há dois anos que aqui estou trabalhando para ganhar dinheiro e para lá voltar. Oh, quem pudera viver sem trabalhar! Cresce-me água à boca, quando vejo um rico. São os felizes, que cá o homem anda de canga ao pescoço⁴².

Cena VI

Entra Maria com uma cesta à cabeça.

MANUEL – O que levas aí, Maria?

MARIA – A roupa que estava no campo a secar.

MANUEL – Pois ainda agora? Vem cá. *(Maria deixa a cesta à porta da casinha e caminha para Manuel.)*

MARIA – A senhora tomou o meu tempo e não me deixou recolhê-la durante o dia. Arrumamos a casa para receber os convidados.

MANUEL – E ela é que se diverte com os seus, e nós trabalhamos.

⁴⁰ Tipo de peixe, geralmente encontrado em rios e lagos.

⁴¹ Relativo a São Julião do Tojal, região da cidade de Loures, Portugal.

⁴² O homem que anda de canga ao pescoço é o homem oprimido, dominado por outro.

MARIA – O que queres, Manuel? Somos pobres, que Deus assim nos fez.

MANUEL – E é do que me queixo. Todo o dia com a enxada na mão, e ainda por cima olhar os paizinhos, que são piores que o diabo.

MARIA – Anda lá, não te queixes tanto, que lá no Tojal éramos mais desgraçados. Não sei como não morríamos de fome. Ganhavas seis vinténs por dia ao rabo da enxada, e cá o senhor gosta de ti; pagou a nossa passagem.

MANUEL – Quisesse Deus que eu tivesse algum dinheirinho junto! Pagaria ao senhor o resto que lhe devo e ia comprar um burro e uma carroça para vender a iágua⁴³. O Zé voltou para São Miguel com cinco mil cruzados que assim ganhou.

MARIA – Se puderas fazer isso, eu ficava com a senhora. Este vestido deu-me ela, e este xale também, e outros me dará ainda.

MANUEL – Pois, se eu sair, sairás também, senão te arre-bento.

MARIA – Ai!

MANUEL – Pensas que eu não sei por que queres ficar?

MARIA – Ai, que me tiras a paciência!

MANUEL – Bem vejo o senhor a te rodear como um peru.

MARIA – Esta besta! O senhor a me rodear, tão velho como é? Ai, que me rio desta!

MANUEL – Vai rindo, bestinha, até que chores.

CLARA, *da porta da casa* – Maria?

MARIA – Adeus, que a senhora me chama. Esta besta!

MANUEL – Anda com cuidado, que te tenho embaixo de meus olhos.

MARIA – Olha que cansarás a vista, animal.

⁴³ O autor imita o sotaque português assim como é conhecido pelos brasileiros.

Cena VII

MANUEL, só – Assim vive um homem de Deus a lavrar a terra e a vigiar a mulher. Forte ocupação, que o diabo leve! (*Para os negros:*) Anda, paizinhos, acabem essa fogueira e vão arrumar o capim na carroça para ir para a cidade. (*Os dois negros saem.*) Se o senhor continuar fazendo festa para Maria, direi à senhora, que não é para brincadeira. (*Sai. Logo que Manuel sai, João chega do fundo.*)

Cena VIII

JOÃO, só – Agora que todos estão lá dentro distraídos, é boa ocasião para cercar minha bela ilhoazinha para dar-lhe um abraçozinho. Onde estará ela? (*Chamando com cautela:*) Maria, Maria? Tenho medo que minha mulher me veja aqui. É velha, mas tem ciúmes como um mouro. Quem manda ser velha? Estará no quarto? (*Vai espiar na casinha.*) Maria? Nada. Lá dentro ainda dançam; estão divertidos e não darão por minha falta. Vou me esconder no seu quarto e lá esperarei para surpreendê-la. Oh, que surpresa! Só assim, porque ela é arisca como o diabo. Dou-lhe um abraçozinho e depois saio na pontinha dos pés. Oh, que surpresa! Que contentamento! (*Esfrega as mãos. Júlio, que a este tempo entra vindo do fundo, chama por ele; João, que está quase junto à porta, volta-se zangado.*)

Cena IX

Júlio e João.

JÚLIO – Sr. João Félix?

JOÃO, *voltando-se* – Quem é?

JÚLIO – Se quisesse ter a bondade de me ouvir por alguns instantes com atenção...

JOÃO, *impaciente* – O que tens agora a me dizer, homem? Vá dançar.

JÚLIO – Pensamentos muito sérios me ocupam neste momento para eu poder dançar.

JOÃO – Então o que é?

JÚLIO – Desculpe a minha franqueza...

JOÃO – Vá logo, que tenho pressa.

JÚLIO – Eu amo sua filha.

JOÃO – E o que tenho eu com isso?

JÚLIO – Mas é que eu a amo com adoração, como nunca se amou, e pretendia...

JOÃO – Vá dizer a ela que eu lhe ordeno que dance com o senhor uma quadrilha; ande, vá, vá! (*Empurrando-o.*)

JÚLIO – Não é por tão pequeno favor que eu ousou incomodá-lo.

JOÃO, *à parte* – Que inconveniência! E eu a perder tempo e ocasião.

JÚLIO – Terei ânimo em falar, visto que o senhor não reprovou o meu amor.

JOÃO – Bem vejo que tens ânimo, mas pressa decerto que não tens. Pois é o que eu tenho.

JÚLIO – Serei breve. Concede-me a mão de sua filha?

JOÃO – Se é para dançar, já lhe dei.

JÚLIO – Não, senhor, é para casar.

JOÃO – Para casar? Sempre pensei que o senhor tivesse mais juízo. Pois de noite, no meio do campo e a estas horas é que o senhor vem pedir minha filha, obrigando-me a estar aqui com a cabeça ao sereno? Eu já estou resfriado. (*Amarra um lenço na cabeça.*)

JÚLIO – Só motivos urgentes me obrigariam a dar este passo tão precipitado.

JOÃO – Precipitado ou não precipitado, não lhe dou minha filha! (*Durante a continuação desta cena, João passeia pela cena, dando voltas de um para outro lado; passa por trás da carroça, vai até o fundo, volta etc., e Júlio o segue sempre falando.*)

JÚLIO – Mas, senhor, Vossa Senhoria não tem razão em responder-me deste modo. Eu certamente teria escolhido melhor ocasião; há porém acontecimentos que nos levam, contra a nossa vontade, a dar um passo que à primeira vista parece loucura. A causa deve ser levada em consideração. E isto é o que o senhor deveria fazer. Não se trata de um negócio de pouca importância. A minha proposição não deve ser recebida assim. Sei que a sua filha é um partido vantajoso ainda mesmo para um homem ambicioso, mas eu não tenho essa intenção. Procuo os dotes morais que ela possui, as virtudes que a fazem tão amável e encantadora. Conheço-a de perto, tenho tido a honra de frequentar sua casa. Peço a Vossa Senhoria que me dê um momento de atenção. Esse exercício violento pode lhe fazer mal... Minha família é muito conhecida nesta cidade; não é rica, é verdade, mas nem sempre a riqueza constitui felicidade. Meu pai foi desembargador, e minha aliança com a sua filha de Vossa Senhoria não pode envergonhar. Sou negociante, ainda que principiante; posso ainda fazer grande fortuna e ousar dizer que a Sra. D. Clementina não me vê com indiferença...

JOÃO, *voltando-se muito zangado para Júlio* – Não lhe dou minha filha, não lhe dou, não lhe dou! E tenho dito.

JÚLIO – Atenda-me!

JOÃO – Onde viu o senhor caçar um pai de semelhante maneira?

JÚLIO – Desculpe-me, é o meu amor a causa de...

JOÃO – Homem, não me quebre mais a cabeça! Não quero, não quero e não quero, e vá-se com os diabos! Não só de minha presença, como de minha casa. Vá-se, vá-se! (*Empurrando.*)

JÚLIO, *com altivez* – Basta, senhor! Até agora recebia uma negação e com paciência a sofri; mas agora é um insulto!

JOÃO – Seja lá o que quiser.

JÚLIO – E eu não me demorarei um só instante em sua casa.

JOÃO – Faz-me muito favor. (*Júlio sai arrebatado.*)

Cena X

João, só; depois Luís.

JOÃO – E que tal lhe parece a inconveniência? É demais! Casar-se com minha filha! Um pobre diabo que só vive do seu insignificante ordenado. Agora, ainda que fosse rico, e muito rico, não lha dava. *(João vai entrar no quarto, e aparece Luís no fundo, gritando.)*

LUÍS – Tio João? Tio João?

JOÃO – Outro!

LUÍS, *junto dele* – Quero pedir-lhe um grande favor. **Trata-se** de minha prima.

JOÃO, *à parte* – Mas tu também? *(Procura no chão uma pedra.)*

LUÍS – Tenho hoje reparado com mais atenção na sua beleza e sabidas qualidades.

JOÃO – Não acho eu uma pedra?

LUÍS – Que procura, tio João? Não sei por que fatalidade estive cego a tantas perfeições. *(João pega no copo que vê sobre o banco de relva.)*

JOÃO – Se me dás mais uma palavra, enfio-te este copo pelas ventas.

LUÍS – Olhe que tem um ovo dentro!

JOÃO – Tenha o diabo! Saia, não me esquentes as orelhas!

LUÍS – Não o contrariemos, que ele tem veneta⁴⁴ e me perderei. Está bem, tio. Até logo. *(Sai.)*

Cena XI

João e depois Manuel.

JOÃO, só – Ainda virá mais algum? *(João vai entrar no quarto do ilhéu e este aparece do outro lado da cena. João, à parte:)* Oh,

⁴⁴ Impulso repentino; capricho.

O Judas em Sábado de Aleluia e Outras Peças

diabo! (*Disfarça a sua intenção, fingindo perseguir na parede da casinha um inseto que lhe escapa.*)

MANUEL, *à parte* – O que está o senhor a fazer? (*João continua no mesmo jogo.*) A saltar? (*Aproxima-se dele, que faz que não o vê.*) Ah, senhor? (*João no mesmo jogo.*) Senhor? (*Pegando-lhe pelo braço:*) O que apanha o senhor?

JOÃO, *voltando* – Quem é? Ah, é você, Sr. Manuel? Homem, estava atrás de uma lagartixa que subiu pela parede.

MANUEL – Ai, senhor, deixe viver o bichinho de Deus.

JOÃO – O que quer comigo?

MANUEL – Tinha um favor que pedir ao senhor, mas envergonho-me.

JOÃO – Pois um homem deste tamanho tem vergonha? Anda, diga o que quer, e depressa, que aqui está muito sereno.

MANUEL – Queria que o senhor me perdoasse os dois meses que faltam para acabar meu trato.

JOÃO – Nada, nada, não pode ser. Dei duzentos mil réis pela sua passagem e pela de sua mulher, para que me pagassem com os seus trabalhos. Calculo-os a vinte mil-réis por mês. Já lá se vão oito; falta ainda dois para ficarmos justos de conta. Não dispenso.

MANUEL – Mas senhor...

JOÃO – Quando acabar-se o tempo do seu trato, faremos um novo ajuste. Não terei dúvida de dar-lhe mais alguma coisa. (*À parte:*) A minha ilhoazinha não sai daqui.

MANUEL – Tenho trabalhado muito, e já o senhor devia estar contente comigo e não olhar a tão pouca coisa.

JOÃO – Fale-me amanhã; agora não são horas. Vá arrumar capim na carroça que vai de madrugada para a cidade.

MANUEL – E se o meu trabalho...

JOÃO, *empurrando-o* – Já lhe disse que amanhã... (*Manuel sai. João, só:*) Daqui não me sai ele. Virá ainda alguém? (*Vai entrar no quarto, e chegam do fundo, correndo, quatro meninos com pistola e bicha⁴⁵ na mão e chegam até a frente do tablado.*)

MENINO – Vamos fazer uma fortaleza aqui. (*Senta-se no chão.*) Juquinha, você faz outra lá. (*Sentam-se todos.*) Enterra as pistolas e as bichas. Eu sou o navio. Farei fogo, e você também junta a areia... Anda, me ajuda. (*João, ao ver os meninos que*

⁴⁵ Objeto de formato estreito e alongado.

SCHLOSSER



O Judas em Sábado de Aleluia e Outras Peças

chegam, quebra uma varinha de arbusto próximo, sai de trás da casinha e caminha para eles. Ao chegar junto, açoita-os com a vara. Os pequenos levantam-se, assustados, e correm para dentro, gritando e chorando.)

JOÃO, *gritando* – Vão para dentro! (*Voltando:*) Até estes demoninhos vieram me atrapalhar! Não ligo para crianças. É isto! Convidam-se certas senhoras para passarem a noite em uma casa e levam quantos filhos têm, desde o mais pequeno até o maior, para quebrarem e pedirem com insistência tudo que **veem** e tocam. É importunar todos os convidados! Será que me deixarão entrar desta vez? (*Vai para a casinha, entra e fecha a porta. Manuel, que nesse mesmo tempo aparece, o vê entrar no seu quarto.*)

MANUEL – Entra no nosso quarto? Ai, o que me vale é estar a Maria lá dentro. Ele vai esperá-la... Ai! Pois são estas as lagartixas? Lagartixas! (*Pega o cesto que está à porta do quarto e com ele atravessa de novo a cena, sempre correndo, e sai pela direita. Assim que o ilhéu sai de cena, João abre a janela do quarto que dá para a cena e espreita por ela.*)

JOÃO, *à janela* – Queria Deus que a minha ilhoazinha não demore. O meu coraçãozinho está pulando de contente! Mas onde estará ela?

CLARA, *do fundo* – Ah, Sr. João? Sr. João? (*Chamando.*)

JOÃO – Oh, diabo, lá está a bruxa da minha mulher me chamando. Se ela souber que estou aqui, me mata. Ora, que culpa tenho? Calou-se. (*Debruça-se na janela, espreitando.*) Como demora!...

Cena XII

Júlio de capote⁴⁶ e boné, João e depois Clara.

JÚLIO – Devo ausentar-me desta casa onde fui insultado e para nunca mais voltar... Mas deixá-la? E eu posso? É preciso;

⁴⁶ Capa larga e longa, com ou sem capuz.

nem mais um instante! E não posso desprender-me daqui! Fatal amor! Ela fica no meio dos prazeres, e eu... *(João chega à janela, observa Júlio, fazendo esforços para reconhecê-lo.)*

JOÃO – Vejo um vulto. Não posso conhecer quem é. Deixei os meus óculos lá dentro. Parece-me que está de saia e lenço à cabeça... Saia escura! É ela, não tem dúvida; é a minha ilhoazinha. Psiu, psiu! *(Chamando com precaução.)*

JÚLIO, *surpreendido* – Quem me chama?

JOÃO – Psiu, psiu, vem cá!

JÚLIO – É dali da janela. *(Vai-se chegando para a janela. Nesse momento acende-se defronte da porta da casa, no fundo, uma composição de fogo colorido que ilumina fortemente a cena. Ao clarão do fogo os dois se reconhecem.)*

JOÃO, *recuando para dentro* – Ai!

JÚLIO – O Sr. João! *(Chegando-se para a janela:)* Que faz Vossa Senhoria no quarto da ilhoa?

JOÃO, *um pouco de dentro* – Nada, nada. Vim ver uns pintinhos que estavam no choco.

JÚLIO – Pintos no choco?

JOÃO – Sim, sim, pois nunca viu?

JÚLIO – Mas Vossa Senhoria... *(Desata a rir e caminha um pouco para a frente da cena, rindo sempre.)*

JOÃO, *chegando à janela* – Psiu, psiu! Venha cá; não ria tão alto!

JÚLIO, *rindo* – Que pintos! É pela ilhoa.

JOÃO – Cale-se, pelo amor de Deus! Venha cá, venha cá.

JÚLIO – Enganou-se com o meu capote! *(Ri)*

JOÃO – Ó, homem, venha cá! Olhe que minha mulher pode vir.

JÚLIO, *chegando* – Pois Vossa Senhoria tem medo que a Sra. D. Clara o ache tirando pinto do choco?

JOÃO – Deixemos de graça e fale baixo.

JÚLIO – Então é certo, a ilhoa? Ah, ah, ah! Vou contar isto lá dentro. *(À parte:)* Tu me pagarás.

JOÃO – Oh, não, meu amiguinho; minha mulher, se sabe que eu estou aqui, é capaz de arrancar meus olhos.

JÚLIO – Há pouco era eu que implorava e Vossa Senhoria dizia não. Agora é Vossa Senhoria que implora, e eu também digo não. *(João debruça pela janela e consegue agarrar Júlio.)*

O Judas em Sábado de Aleluia e Outras Peças

JOÃO – Escute. Não tome a coisa desta maneira; não o quis ofender.

JÚLIO – Quis me botar para correr de sua casa!

JOÃO – Não é nada disso.

JÚLIO – Negar-me com insultos a mão de sua filha!

JOÃO – Não neguei.

JÚLIO – Não negou?

JOÃO, *à parte* – Diabo!

JÚLIO – Não negou, diz o senhor. Então me concede?

JOÃO – Não digo isso. Mas se...

JÚLIO – Ah! Sra. D. Clara, Sra. D. Clara?

JOÃO, *querendo tapar sua boca* – Pelo amor de Deus!

JÚLIO – Vossa Senhoria não me negou a mão de sua filha?

JOÃO – Seja razoável.

JÚLIO – Sra. D. Clara?

JOÃO – Cale-se, homem. Cale-se com todos os milhões de diabos!

JÚLIO – Nada. Quero que ela venha aqui para ver se pode explicar-me a razão por que Vossa Senhoria nega a mão de sua filha a mim. Sra. D. Clara?

JOÃO – E eu já lhe disse que lhe negava?

JÚLIO – Não? Então me concede?

JOÃO – Amanhã falaremos.

CLARA, *no fundo* – Ah, sô João, sô João?

JÚLIO – Sua senhora aí vem.

JOÃO – Vá-se embora. (*Abaixa e esconde-se.*)

JÚLIO, *para dentro do quarto* – Concede-me?

JOÃO, *dentro* – Concedo.

JÚLIO – Palavra de honra?

JOÃO, *dentro* – Palavra de honra. (*Neste tempo Clara está no meio da cena.*)

CLARA – Sô João? (*Júlio quer caminhar para sair pelo fundo.*) Quem é?

JÚLIO – Sou eu, minha senhora.

CLARA – Ah, é o Sr. Júlio. Sabe-me dizer onde está o meu homem?

JÚLIO – Não, minha senhora.

CLARA – E agora? Há uma hora que sumiu lá de dentro e não aparece. (*Durante este diálogo, vê-se, pela janela da casinha, João muito aflito.*)



SCHLOSSER

O Judas em Sábado de Aleluia e Outras Peças

JÚLIO – Sem dúvida está dando algumas ordens lá por fora.

CLARA – Ordens a estas horas? Deixar as visitas na sala e desaparecer!

JÚLIO – Não se inquiete, minha senhora.

CLARA – Tenho muita razão de me inquietar. Velho como é, não **para**. Ah, Sr. João? Sô João?

JÚLIO, *à parte* – Em que apuros não se vê ele! Está em meu poder. (*Júlio diz estas palavras enquanto Clara chama pelo marido; volta para sair pelo fundo, e no meio da cena encontra-se com Luís. Júlio, para Luís:)* Ainda teima?

LUÍS – Ainda.

JÚLIO – Veremos.

LUÍS – Veremos. (*Júlio sai pelo fundo.*)

Cena XIII

Luís e Clara.

LUÍS – Ó, tiazinha!

CLARA – Quem é?

LUÍS – Tiazinha, tenho um favor a lhe pedir...

CLARA – Viste teu tio?

LUÍS – Não, senhora. É um favor pelo qual lhe ficarei eternamente agradecido. Sei que a ocasião não é das mais oportunas. Este passo parece imprudente...

CLARA – Que parece, não; que é.

LUÍS – Por que, tia?

CLARA – É falta de atenção.

LUÍS – Oh, a tia com certeza está zombando. Se ainda não sabe...

CLARA – Sei, sei que ele está metido por aí, em algum lugar suspeito.

LUÍS – Como suspeito? De quem fala?

CLARA – De teu tio.

LUÍS – Ora, não é dele que eu falo.

CLARA – Pois então vai-te embora.

LUÍS – Escute, tia. A minha bela priminha...

CLARA – Onde estará?

LUÍS – Lá dentro no quarto.

CLARA – Lá dentro no quarto? E o que está fazendo?

LUÍS – Conversando com suas amigas.

CLARA – Com suas amigas? Pois também tem amigas?

Bravo!

LUÍS – Oh, que linguagem é esta! Pois não foi a tia quem as convidou?

CLARA – Fui, sim, mas não sabia que as convidava para desinquietarem um homem casado.

LUÍS – Um homem casado?

CLARA – Um pai de família que se devia fazer respeitar pela sua idade.

LUÍS – Ai, que eu continuo a falar da prima, e ela do tio.

CLARA – Vou botá-los pela porta afora.

LUÍS – Espere, tia, há engano entre nós. A tia fala do tio, e eu...

CLARA – E tenho muita razão de falar.

LUÍS – Não digo menos disso. O que eu pretendia dizer-lhe era...

CLARA – Já sei o que é. Quer desculpá-lo! Não vê que também é homem? Lá se entendem.

LUÍS – Continuamos no mesmo. Tia, atenda-me somente por alguns instantes, e depois eu lhe ajudarei a procurar o tio.

CLARA – Pois fala depressa.

LUÍS – Todos conhecem-me por namorado. Uns dizem que isto em mim é sistema, outros, que é devido ao meu gênio brincalhão e alegre. Seja o que for, estou resolvido a acabar com todos esses namoros e me casar. A resolução é extrema e de botar a perder um homem, mas a sorte está lançada.

CLARA, *preocupada* – Eu vou indagar isto.

LUÍS – Pode indagar. Falo com boa-fé. E em quem poderia recair a minha escolha, senão na minha bela priminha?

CLARA – Não posso consentir.

LUÍS – Não? E por que motivo?

CLARA – Na sua idade?

LUÍS – Perdoe-me a tia; está em muito boa idade.

CLARA – Boa idade! Sessenta e cinco anos!

LUÍS – Adeus, tia, que não estou mais para bobagens. (*Vai*

para esquerda da cena, e Clara vai para sair pelo fundo.)

CLARA, *caminhando* – Ah, Sr. João? Sr. João? Eu me encontrarei com ele! (*Vai-se pelo fundo.*)

Cena XIV

Luís, só.

LUÍS – Quando os ciúmes metem-se na cabeça de uma mulher é isto. E se é velha como esta... Azar meu. Ora. Sr. Luís, é então verdade que o senhor está resolvido a casar-se? Já não se lembra do que dizia do casamento e dos grandes inconvenientes que lhe achava? Quer deixar a sua bela vida de namorado? O que é isto? Que resolução foi a sua? Que dirá a Ritinha, a Joaninha, a Viuvinha, a Joaquininha, a Emília, a Henriqueta, a Cocota, a Quitinha, a Lulu, a Leopoldina, a Deolinda e as outras namoradas? Responde, Sr. Luís. Os diabos me levem se eu sei responder. (*Senta-se no banco de relva. Ouve-se dentro de casa a voz de Júlio, que canta uma modinha, acompanhado por piano. [N.B.:] A modinha fica à escolha do diretor. Logo que a tiver acabado de cantar, dão palmas. Tudo isto, porém, não interromperá a continuação das cenas.*) Lá está cantando modinhas! Se estivesse como eu, não teria vontade de cantar. Então? O caso não me impressiona. (*Aqui aparece no fundo, caminhando para a frente da cena, Clementina.*) Ainda não sei o que farei. Creio que mesmo depois dos pregões corridos sou capaz de mandar tudo às favas. Mas o meu capricho? Estou arranjado!

Cena XV

Clementina e Luís.

CLEMENTINA, *sem ver Luís* – Estou com curiosidade de ver como estará o ovo... (*Vai para ver o copo, e Luís levanta-se.*)

LUÍS – Priminha?

CLEMENTINA – Ai!

LUÍS – Não se assuste.

CLEMENTINA – Não gosto destas brincadeiras. Que susto! Eu vinha ver o ovo.

LUÍS – Encontrei com um amante; é o mesmo. O amante é como o ovo, que muitas vezes falha.

CLEMENTINA – Fala de si? (*Rindo.*)

LUÍS – Antigamente fui assim, mas agora, priminha da minha alma, estou mudado. A noite de São João fez um milagre. Ai, ai! (*Suspira ruidosamente.*)

CLEMENTINA – Bravo! Por quem é esse suspiro tão puxado?

LUÍS, *caindo de joelhos* – Por ti, minha priminha.

CLEMENTINA, *desata a rir* – Ah, ah! Por mim? Ó, Ritinha?

LUÍS – Cala-te!

CLEMENTINA – Quero que ela venha ver isto e que caminho leva o seu amor.

LUÍS – Mas há já três meses que ela me ama!

CLEMENTINA – Boa razão! Não a ama porque ela ainda o ama. É isto?

LUÍS – Pois, priminha, há três meses que ela me ama, e isto já é teima, e eu não me caso com mulher teimosa, isso nem pelo diabo.

CLEMENTINA – É teima? Quem te ensinará!

LUÍS – Amei-a como amei a Quitinha etc.

CLEMENTINA – O que aí vai! E todas essas foram teimosas?

LUÍS – Umas mais, outras menos, mas tu, minha querida priminha...

CLEMENTINA – Oh, não se canse, que não sou teimosa; cedo desde já.

LUÍS – Contigo o caso é outro; hoje mesmo comecei a te a amar, hoje mesmo nos casaremos e hoje mesmo...

O Judas em Sábado de Aleluia e Outras Peças

CLEMENTINA, *interrompendo-o* – Ah, ah, ah! Ó, Ritinha? Ritinha? (*Ritinha aparece e encaminha-se para eles. Traz na mão uma vara com uma rodinha⁴⁷ acesa. Os negros acendem a fogueira.*)

LUÍS – Também isto agora é teima!

CLEMENTINA – Vem cá.

RITINHA – O que é?

CLEMENTINA – Não te dizia que me admirava dos três meses?

RITINHA – Ah!

CLEMENTINA – Já não te ama, e chama-te de teimosa.

LUÍS – Primitiva!

RITINHA – Já não me ama? (*Ritinha diz estas palavras dirigindo-se para Luís, que salta para evitar o fogo da rodinha que Ritinha dirige contra ele.*)

LUÍS, *saltando* – Cuidado com o fogo!

CLEMENTINA – Fazia-me promessas de amor.

RITINHA, *mesmo jogo* – Ah, fazia promessas de amor?

LUÍS – Não me queime! (*O velho fecha a janela com medo que o vejam.*)

CLEMENTINA – Disse que ardia por mim.

LUÍS, *fugindo de Ritinha, que o persegue com a rodinha* – Agora é que eu arderei, se me botam fogo.

RITINHA, *mesmo jogo* – Assim é que me pagas!

LUÍS – Assim é que me pagas! (*Fugindo sempre.*)

CLEMENTINA – Fogo nele, para não ser bandoleiro! (*Ritinha segue mais de perto Luís, que foge e refugia-se em cima da carroça.*) Assim, assim, Ritinha, ensina-o.

RITINHA – Desce cá para baixo!

LUÍS – Assim eu seria asno!

CLEMENTINA – Ritinha, vá buscar lá dentro duas pistolas de lágrimas⁴⁸.

LUÍS – Nem pistola, nem espingarda, nem peças não me farão gostar de vocês. Agora não me caso nem à bala.

CLEMENTINA – E também, quem é que quer casar com você?

RITINHA – Eu, não!

⁴⁷ Pequeno fogo de artifício de forma circular que gira enquanto está aceso.

⁴⁸ Tipo de fogos de artifício.

CLEMENTINA – Quem é que acredita nas palavras de um assanhado?

LUÍS – Muita gente!

CLEMENTINA – Estás desacreditado!

LUÍS – Na praça?

CLEMENTINA – Não, com todas as moças.

LUÍS – Melhor, mais gostarão de mim.

RITINHA – Isto não se pode aturar! Vamos embora.

CLEMENTINA – Atrevido! (*Vai sair pelo fundo.*)

LUÍS – Adeus! Viva São João! (*Dentro respondem a gritos.*)

Cena XVI

Luís, só, de cima da carroça.

LUÍS – Fiz bonito com ela! Agora nem uma nem outra. Ainda bem! Mas o diabo é ficar o maroto do Júlio muito orgulhoso com eu ter cedido. Histórias! Não cedo em outras coisas, que namorada pouco me importa; acho cem por uma que deixo. Contudo estou zangado. Maldita noite de São João!

Cena XVII

Maria vem do fundo da cena e vai entrar na casinha.

LUÍS, *saltando da carroça* – Psiu, psiu!

MARIA, *parando* – Quem é?

LUÍS, *chegando-se para ela* – Escuta uma coisa.

MARIA – Ai! O senhor, que quer comigo?

LUÍS – Desde o dia que começaram a chegar a esta terra carregamentos de colonos, como antigamente chegavam carregamentos de cebolas, aqui ainda não apareceu uma ilhoazinha com esses olhos matadores, com esses beicinhos rosados.



SCHLOSSER

MARIA – Ai, o senhor está a zombar de mim.

LUÍS – As mais que eu vejo por aí são feias como uma lacraia e vermelhas como a crista do galo; mas tu és a nata das ilhoas. (*Quer abraçá-la.*)

MARIA – Chegue-se para lá, que vou contar a meu marido. (*Quer sair, Luís a segura.*)

LUÍS – Espera. É pena que estejas casada com teu marido.

MARIA – Ai, pois eu podia estar casada com um homem que não fosse meu marido?

LUÍS – Pois não.

MARIA – Está zombando? (*Neste tempo a fogueira está toda acesa e todas as pessoas que estão na casa saem e ficam ao redor da fogueira, ad libitum⁴⁹.*)

LUÍS – Vamos sentar neste banco, que te explicarei como isto pode ser. Aqui podem nos ver lá de cima com o clarão da fogueira.

MARIA – Estou com curiosidade.

LUÍS, *à parte* – Isto eu sei. (*Sentam-se no banco.*) Supõe que nunca tenhas visto teu marido... Que mãozinhas! (*Pega nas suas mãos.*)

MARIA – Largue minha mão!

LUÍS – Nem encontrado com ele... Que olhinhos!

MARIA – Deixe meus olhos!

LUÍS – Ora, se nunca o tivesse visto nem encontrado, está claro que agora não estarias casada com o teu marido.

MARIA – Ora vejam! E é verdade!

LUÍS – Não terias dado essa mão (*pega na sua mão*), de que tanto gosto... (*Aqui atravessa a cena Manuel, vestido de mulher, e entra no seu quarto.*)

MANUEL, *atravessando a cena* – Custou-me arranjar-me...

MARIA – O senhor tem um modo de explicar as coisas que entram pelos olhos... De modo que, se eu não tivesse encontrado Manuel, não estava hoje casada?

LUÍS – Certamente.

MARIA – Sabe o senhor quando eu o vi? Foi numa festa que se deu no Funchal. (*Manuel, depois de entrar no quarto, fecha a porta e fica dentro do quarto, defronte da janela. Chega-se para*

⁴⁹ No teatro: ad libitum é a indicação, no texto de obra teatral, de que os atores naquele momento devem improvisar.

O Judas em Sábado de Aleluia e Outras Peças

ele, como vindo do interior, João, que, supondo ser a Maria, o abraça.)

JOÃO – Minha ilhoazinha, minha Mariquinha! *(Dá abraços e beijos, que Manuel corresponde.)*

MARIA – Hem?

LUÍS – Não disse nada. Continua. *(Continua a ter a mão dela na sua.)*

MARIA – Eu ia para a festa. Ai, agora é que me lembro que se não fosse à festa também não estava casada!

LUÍS, *dando-lhe um abraço* – Maldita festa!

MARIA – Fique quieto! Veja que o diabo é inconveniente.

LUÍS – É verdade! *(Manuel e João, que ouvem as vozes dos dois, chegam-se para a janela e, dando com os dois no banco abaixo, ficam observando, dando sinais de grande surpresa.)*

MARIA – Estive quase não indo à festa, e se não fosse o meu vestido novo... Ai, senhor, e se não fosse o vestido novo, eu também não estava casada.

LUÍS, *abraçando* – Maldito vestido!

MARIA – Foi minha tia que me deu. Ai, que se eu também não tivesse tia, não era agora mulher de meu marido. *(Manuel debruça-se pela janela e a agarra no pescoço.)*

MANUEL – Maldita mulher! *(Maria dá um grito e levanta-se; o mesmo faz Luís. Maria, reconhecendo o marido, começa a correr, atravessando a cena. Manuel salta pela janela e a persegue, gritando. Saem ambos da cena.)*

LUÍS, *vendo Manuel saltar* – Que diabo é isto? *(Reconhecendo João, que fica à janela:)* O tio João!

JOÃO – Cala-te! *(Esconde-se.)*

LUÍS, *rindo* – No quarto da ilhoa! *(Acodem todos, isto é, Clara, Clementina, Ritinha, Júlio e os convidados.)*

Cena XVIII

CLARA – O que é? Que gritos são estes?
CLEMENTINA, *ao mesmo tempo* – O que aconteceu?
RITINHA, *ao mesmo tempo* – O que foi? (*Luís ri.*)
CLARA – O que é isto, Luís? Fala. (*Luís continua a rir.*)
CLEMENTINA – De que ri tanto o primo?
CLARA – Não falarás?
LUÍS – Quer que eu fale? Ah, ah, ah!
CLARA – O que houve?
CLEMENTINA – Eu ouvi a voz da Maria.

Cena XIX

Entra Maria diante de Manuel, gemendo. Manuel **conserva-se** vestido de mulher.
RITINHA – Aí vem ela.
CLARA – A gemer. Que foi?
MANUEL, *que traz um pau na mão* – Anda! (*Maria vem gemendo, senta-se no banco debaixo da janela.*)
CLARA – Ai, o Manuel vestido de mulher! Que peça é esta?
CLEMENTINA – Como está feio!
CLARA – Mas o que é isto? Por que gemes?
MARIA – Ai, ai, ai! Minhas costas...
MANUEL – É uma vergonha!
CLARA, *para Manuel* – O que ela fez?
MARIA, *gemendo* – Minha costela... minha cabeça...
MANUEL – O que fez? Um desaforo! Mas eu lhe ensinei com este pau.
CLARA – Deste nela com o pau?
CLEMENTINA – Pobre Maria!
MARIA – Ai, ai, ai! Minhas pernas...

O Judas em Sábado de Aleluia e Outras Peças

CLARA, *para Manuel* – Mas por quê?

MANUEL – Estava se perdendo com o Sr. Luís.

CLARA – Com meu sobrinho?

CLEMENTINA, *ao mesmo tempo* – Com o primo?

RITINHA, *ao mesmo tempo* – Com ele?

JÚLIO, *ao mesmo tempo* – É bom saber!

LUÍS – Não é verdade, tia. Este diabo está bêbado! Não vê como está vestido?

MANUEL – Olhe, senhora, que não estou bêbado. Eu bem vi, com estes olhos que a terra há de comer, o senhor dar abraços na Maria.

CLARA – Ai, que indecência!

CLEMENTINA – Que vergonha! Namorando uma ilhoa!

RITINHA – Que humilhação!

JÚLIO – De que se admiram, minhas senhoras? É esse o costume do Sr. Luís. Todas lhe interessam – a velha, a moça, a bonita, a feia, a branca, a cabocla...

CLEMENTINA – Que horror!

RITINHA, *ao mesmo tempo* – Que horror! (*Alguns convidados riem.*)

LUÍS – Pziu! Alto lá, Sr. Júlio, ninguém o chamou!

JÚLIO – E o melhor é, minhas senhoras, que ele nutre grandes esperanças de casar-se com uma das senhoras desta roda.

TODAS AS SENHORAS – Comigo, não!

LUÍS, *chegando-se para Júlio* – Já estás cantando vitória?

JÚLIO, *para as senhoras* – Vejam o que faz a presunção!

LUÍS – Ainda é cedo, meu menino! Pensa que eu cedo com essa facilidade? (*Aqui João sai do quarto do ilhéu, pé ante pé, para não ser visto, e encaminha-se para o fundo.*)

JÚLIO – Cederás, que te digo eu!

LUÍS – Mesmo? (*Zombando. Volta para trás e vê João, que se retira para o fundo.*) Ó, tio João? Tio João? Venha cá! (*Vai buscá-lo e o traz para a frente.*)

CLARA – Ai, onde este homem estava metido?

CLEMENTINA – O que ele quer fazer?

JÚLIO – O que pretende?

LUÍS – Tio?

CLARA, *interrompendo e puxando João pelo braço* – Onde estavas?

LUÍS, *puxando-o pelo braço* – Espere, tio, deixe que eu...

CLARA, *mesmo jogo* – Quero que me diga o que fez estas duas horas.

LUÍS, *mesmo jogo* – Logo perguntará por isso, que agora eu tenho que lhe falar.

CLARA, *mesmo jogo* – Nada; primeiro irá me dizer onde estive escondido. Isto se faz? Eu a procurá-lo...

LUÍS, *mesmo jogo* – Me dê atenção!

CLARA, *mesmo jogo* – Responda!

LUÍS, *mesmo jogo* – Deixe-o!

CLARA, *mesmo jogo* – Deixa-o tu também!

LUÍS, *metendo-se entre Clara e João* – Ora tia, que inconveniência é essa? Tem tempo de fazer perguntas a ele e reclamar como quiser. (*Enquanto Luís fala com Clara, Júlio segura João pelo braço.*)

JÚLIO – Lembre-se da sua promessa!

LUÍS, *puxando João pelo braço e falando-lhe à parte* – Eu bem vi onde estava... No quarto da ilhoa.

JÚLIO, *mesmo jogo* – Espero que não falte; quando não, digo tudo à Senhora D. Clara.

LUÍS, *mesmo jogo* – Se não consentir no que eu lhe quero pedir, conto tudo à tia.

CLARA – O que quer dizer isto?

JÚLIO, *mesmo jogo, mas falando alto* – Dá-me a sua filha por esposa?

LUÍS, *mesmo jogo* – Concede-me a mão da prima?

JÚLIO, *mesmo jogo, à parte* – Olhe que eu falo...

LUÍS, *mesmo jogo* – Se não me der, conto tudo...

JÚLIO, *mesmo jogo, alto* – Então?

LUÍS, *mesmo jogo* – O que resolve?

JÚLIO e LUÍS, *mesmo jogo* – Sim ou não?

JOÃO – Casem-se ambos e me deixem!

CLEMENTINA, RITINHA, JÚLIO, LUÍS – Ambos?

CLARA, *puxando por João* – Que história é essa?

MANUEL, *mesmo jogo* – Pague-me o que deve!

LUÍS, *mesmo jogo* – Dê-me a prima!

JÚLIO, *mesmo jogo* – Assim falta à sua palavra?

MANUEL, *mesmo jogo* – O meu dinheiro?

JÚLIO, *mesmo jogo* – Falarei!

O Judas em Sábado de Aleluia e Outras Peças

LUÍS, *mesmo jogo* – O que decide? (*Todos quatro rodeiam João, que senta-se no chão e mergulha a cabeça, tapando-a com os braços.*)

CLARA – Não o deixo enquanto não me disser onde esteve, o que fez. Se isto são modos!

JÚLIO, *ao mesmo tempo* – Vossa Senhoria me prometeu. Se não quer que eu fale, cumpra a sua palavra.

MANUEL, *ao mesmo tempo* – Quero ir embora! Nem um instante mais aqui! Paga-me o que me deve.

LUÍS – Basta! Deixem-no! Levante-se, tio; aqui está a minha mão. (*João levanta-se.*) **Tranquilize-se.** (*À parte, para João:*) Faça o que eu lhe mandar, que o salvarei. (*Para Júlio:*) Bem vê que eu ainda podia lutar, mas sou generoso; não quero. (*Para João:*) Tio, dê-lhe a mão da prima, (*ao ouvido:*) que nos calaremos. (*João, sem dizer palavra, vai apressado para Clementina, lava-a para junto de Júlio, a quem a entrega, e os abençoa.*)

JÚLIO – Ó, felicidade!

LUÍS – Disto estou livre. (*Para João:*) Pague ao Sr. Manuel o que lhe deve. (*João mete a mão no bolso do colete, tira um maço de dinheiro e entrega a Manuel.*)

MANUEL – É pouco. (*João dá-lhe mais dinheiro.*) Agora sim, vou comprar uma carroça!

LUÍS – Agora dê um abraço na tia. (*João vai abraçar Clara.*)

LUÍS – Anda, e diga à tia que estava lá fora no portão, combinando com o italiano das fazendas dois vestidos de crepe bordado dos quais lhe queria fazer um presente.

CLARA – Dois vestidos?

LUÍS – E riquíssimos!

CLARA – Ai, vidinha, e eu estava desconfiando de ti! (*Abraça-o.*)

LUÍS, *tomando João à parte* – Não se meta noutra. Deixe o namoro para os moços solteiros.

JOÃO – Estou castigado! E emendado!

RITINHA, *que se aproximou de Luís* – E nós?

LUÍS, *fingindo que não a ouve* – Viva São João! Vamos ao fogo! (*Ritinha bate o pé de raiva. Acendem o fogo de artifício, e no meio de Viva São João! e gritos de alegria desce o pano.*)